



**RICARDO
ASSIS
GONÇALVES**

**ONDE
VOCÊ ESTÁ
NESTA
LAMA?**



CRÔNICAS DA MINERAÇÃO NO BRASIL

Ricardo é desses que mineram palavras e garimpam as pontuações das frases certeiras. Sua bateia é colorida e tem franjas de renda das rendeiras vizinhas das zonas garimpeiras dos sonhos. Ele procura como todos os que acham devem procurar. Olha para o chão e olha para o céu quando um pássaro assovia ao seu lado. E sabe que ele é mais pássaro do que garimpeiro. O garimpo pode até enriquecer, mas jamais fará voar e cantar em liberdade.

Caminha, assim, Ricardo, entre o chão e o céu, olhando mais os territórios fraturados e os corpos feridos do que em busca da pedra mágica. Ricardo sabe o que quer, minerador de palavras que é. Quando chega à boca do inferno, tem a certeza de que é hora de dar as mãos à saúde do trabalhador em Goiás. E olhando o voo do pássaro que teima em lhe acompanhar, certifica-se de que sua bateia está em suas mãos para colher a saúde do trabalhador no Brasil e, por aí, desse mundo. Suas caminhadas árduas são suavizadas quando ingressa no trem de Drummond. É a hora em que seus sonhos de pedra se transformam em sons da terra, é a hora das descobertas.

A pedra preciosa está em sua palavra, e as lágrimas de Níobe que lhe achegam à face são a prova de que seu garimpo é de memórias e, de palavras, ele é mero pescador. Mas, Ricardo não é só Ricardo, ele tem outras bateias na cabeça. Sabe que há uma “crônica da morte anunciada” no modelo de mineração brasileiro e que há um vale de lama correndo por baixo de nossos pés nessa história. Ele sabe que, no rés da lama, em suas caminhadas geográficas, existem vozes ecoando até o fim dos tempos: “onde você está nesta lama?” E, a cada desastre que não passa, sabe que as cavas na terra são minas de versos, mas também são sonhos vestidos de opressão e que os levantados do chão se alevantarão somente com caminhadas que semeiam esperanças.

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos
(Fiocruz/RJ)

ONDE
VOCÊ ESTÁ
NESTA
LAMA?



**EDITORA UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS**

Presidente

Antonio Cruvinel Borges Neto (Reitor)

Vice-Presidente

Claudio Roberto Stacheira (Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação)

Coordenadora Geral

Elisabete Tomomi Kowata

Assessor

Patrick Di Almeida Vieira Zechin

Revisão Técnica

Andressa de Oliveira Sussai

Revisão Ortográfica e Gramatical

Paulo Maretti (Apoena Editorial)

Foto da capa

Júlia Pontés

Ilustrações

Maria Carolina Reis

Capa, Projeto Gráfico e Editoração

Adriana da Costa Almeida (Apoena Editorial)

Conselho Editorial

Adolfo José de Souza Andre (UEG-IAEL)

Daniel Blamires (UEG-IACSB)

Juliano Rodrigues da Silva (UEG-IACT)

Maisa Borges Costa (UEG-IACT)

Raphaela Christina Costa Gomes (UEG-IACAS)

Renata Carvalho dos Santos (UEG-IACSB)

Roseli Vieira Pires (UEG-IACSA)

Sebastião Avelino Neto (UEG-IACAS)

Sônia Bessa da Costa Nicácio Silva (UEG-IAEL)

Thiago Henrique Costa Silva (UEG-IACSA)

RICARDO
ASSIS
GONÇALVES

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

CRÔNICAS DA MINERAÇÃO NO BRASIL



ANÁPOLIS-GO | 2024

Donde sai o pão?, pergunta o filho.

Sai do trigo, responde o pai.

E o trigo donde sai?

Da mão, o pai responde.

Como é a mão donde sai o trigo?, pergunta o filho cego.

É calejada, responde o pai.

Pai, calejada por quê?

Para amenizar o sofrimento dos homens.

E o sofrimento dos homens, por onde sai, pai?

Não sai, diz o pai, nunca sai.

(pão e pai, FADEL VASCONCELLOS).

NOTA PRELIMINAR

As crônicas contidas na segunda edição revisada e ampliada deste livro são originadas de publicações mensais na Coluna Opinião do Multiplicadores de Visat – Vigilância em Saúde do Trabalhador, coordenado pelo querido amigo e professor Luiz Carlos de Fadel Vasconcellos, do Departamento de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural (DIHS), da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP-Fiocruz/RJ).

São vinte e quatro crônicas que avultam aprendizados, amizades, reflexões e diálogos construídos nos últimos nove anos por meio da participação no Grupo de Pesquisa e Extensão Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS). Esse Grupo reúne pesquisadores e pesquisadoras de seis instituições de ensino e pesquisa distribuídas nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Goiás. O engajamento do PoEMAS na pesquisa científica soma-se à militância e ao debate críticos ao modelo mineral brasileiro.

O PoEMAS não se limita às pesquisas acadêmicas. O Grupo possui inserção em atividades de extensão e parcerias com organizações não governamentais, movimentos populares, sindicatos e comunidades que debatem ou enfrentam as implicações ambientais, políticas e econômicas da mineração. A partir do trabalho neste Grupo de pesquisa e extensão fortalecemos o debate crítico sobre o modelo de mineração predatório no Brasil e no Sul Global.

O livro ainda deslinda uma caminhada aglutinadora de estudos, ensino, intercâmbios, colaborações, parcerias e leituras tecidas em sintonia com o Grupo de Pesquisa e Extensão Espaço,

Sujeito e Existência (Dona Alzira); a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), Seção Goiânia; o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM); os cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG); e o Fórum Intersindical Saúde-Trabalho-Direito.

O estilo dos textos que compõem o livro emana de uma vontade de interseccionar Geografia e Literatura; ou estabelecer o que estamos denominando de interpretações lítero-geográficas. Consequentemente, os textos fundem experiência pessoal, trabalho de pesquisa científica, militância e afeto. O estudo da mineração, feito por um geógrafo, aproxima-se da arte literária e transforma a linguagem numa forma de luta, resistência e crítica ao modelo mineral brasileiro predatório.

Finalmente, o autor aproveita este espaço para agradecer o apoio do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Cora Coralina; da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PrP/UEG) através do Pró-Programas; da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), através de recursos do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG) – Pós-Doutorado Estratégico e do Programa de Apoio à Pós-Graduação (Proap); do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ-2); do Grupo de Pesquisa e Extensão Espaço, Sujeito e Existência (Dona Alzira), e Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS); e do MultiVisat – Multiplicadores de Vigilância em Saúde do Trabalhador, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz-RJ).

© 2024 – Editora UEG

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Catálogo na Fonte
Universidade Estadual de Goiás (UEG)
Sistema Integrado de Bibliotecas Regionais (SIBRE)

G635m Gonçalves, Ricardo Assis.

Onde você está nesta lama? crônicas da mineração no Brasil [recurso eletrônico] / Ricardo Assis Gonçalves. – 2. ed. - Anápolis, GO: Editora UEG, 2024.

192 p. ; 13,5 x 21 cm.

ISBN 978-65-88502-51-8 (E-book)

ISBN 978-65-88502-52-5 (Impresso)

1. Literatura brasileira 2. Crônicas brasileiras I. Gonçalves, Ricardo Assis. II. Título.

CDU: 821.134.3(81)-

Elaborado por Sandra Alves Barbosa – Bibliotecária – CRB 1 / 2659

Esta obra é em formato de e-Book e impresso. Produzida com recursos do "PDPG-POSDOC – Programa de Desenvolvimento da Pós-graduação (PDPG) Pós-doutorado estratégico n. 2418/2022 – 88881.691199/2022-01". A exatidão das referências, a revisão gramatical e as ideias expressas e/ou defendidas nos textos são de inteira responsabilidade dos autores e das autoras.

EDITORA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
BR-153 – Quadra Área – CEP: 75.132-903 Fone: (62) 3328-4866 – Anápolis -GO
www.editora.ueg.br / e-mail: editora@ueg.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Rodrigo Salles Pereira dos Santos

Bruno Milanex 12

APRESENTAÇÃO

Charles Trocate 19

Mineração, a explosão de um tema 25

Onde você está nesta lama? 31

Brumadinho, o desastre que não passou 37

Crônica de um desastre anunciado 43

Vale de lama, rios de histórias 50

Territórios fraturados, corpos feridos. 56

No rés da lama. 61

Mineração e sofrimento ambiental 67

Lágrimas de níobe 73

Na boca do inferno 80

De mãos dadas pela saúde do trabalhador
em Goiás 86

Mineração, saúde do trabalhador e literatura 92

O cercamento das águas do Cerrado 97

Águas de crixás 102

Barragens de medo 109

Minas de versos, cavas na terra	117
O trem estremeado de Drummond	121
Garimpos de sonhos e opressão	127
Pescadores de palavras, garimpeiros de memórias	133
Sonhos de pedra	139
Trabalho e palavra	145
Sons da terra	153
Levantados do chão	161
Quando o coração lê	167

POSFÁCIOS

Mineração e as moedas do capitalismo predatório

<i>Guilherme Marini Perpetua</i>	175
--	-----

Exploração irracional e desastre ambiental

<i>Alan Oliveira Machado</i>	181
--	-----

Referências	184
-----------------------	-----

PREFÁCIO

Em um longínquo 2015, no último dia de viagem, após a realização de uma mesa redonda no VII Simpósio Internacional de Geografia Agrária, em Goiânia, convidávamos Ricardo a se integrar no nosso grupo de pesquisa, o PoEMAS. Naquele momento, não fazíamos ideia de que conversávamos com aquele que incorporaria de forma mais plena o espírito do nome do grupo.

Àquela altura, vínhamos reunindo jovens pesquisadoras e pesquisadores acadêmicos fortemente vinculados ao debate público e à militância, buscando ampliar o PoEMAS e torná-lo um núcleo mais interdisciplinar dedicado ao debate sobre a mineração. Após alguns encontros e conversas em atividades organizadas por movimentos sociais desde 2013, o convite a Ricardo se dava, principalmente, por sua capacidade de balancear rigor na pesquisa científica e compromisso com o papel extensionista da universidade.

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

Seu envolvimento com os movimentos sociais e conhecimento específico sobre as condições de operação e os impactos da mineração no Cerrado goiano ainda não nos permitiam saber que estávamos também frente a um exímio cronista, faceta revelada nessa obra. Outras expressões de sua personalidade se revelariam ao longo desses quase 6 anos de convivência, a do professor inspirador, do artista apaixonado – desenhista e poeta – e, principalmente, do amigo dedicado.

Nesse período, sua busca por compreender e transformar as condições de vida e trabalho no setor mineral tem sido contagiante, transbordando nos textos aqui reunidos. Explicitando sua forte vocação literária, esses trabalhos conectam a mineração e os estudos do espaço agrário, demonstrando a capacidade ímpar do autor de análise da formação social brasileira, esgarçada no tempo e espaço dos desastres-crime sem fim de Minas Gerais e da degradação do trabalho e da apropriação do território do Cerrado goiano. A mirada ampla permite transitar pela diversidade dos territórios fraturados pela mineração sem perder de vista o modelo no qual se assenta.

Os textos recriam uma urdidura de tempos e espaços, dos acidentes ampliados de trabalho e da pressão para a abertura de territórios às atividades extrativas, que marcam o modelo de mineração brasileiro

contemporâneo, remontando à sua origem prefigurativa, capturada na memória da infância, rural e garimpeira, do autor. “Filho de trabalhadores”, o autor-trabalhador reafirma sua leitura do mundo e sua posição nele: “Desse mundo eu vim; nele habito; contra essa estrutura luto, luto com outros, com os iguais”.

Desse modo, as referências mobilizadas e o estilo da redação das crônicas revelam uma orientação no mundo, não apenas próxima ao povo, em particular aos camponeses e trabalhadores rurais, mas derivada de sua experiência e dirigida explicitamente a ela, que se manifesta tanto em seus projetos de extensão, na metodologia de suas pesquisas e na elaboração dos questionamentos investigativos que informam esses textos. Não menos importante é o fato de que o trabalho – e suas condições injustas – é o elemento central dessa orientação.

A trajetória de vida e de trabalho manifesta na obra é, nesse sentido, tanto localizada nas memórias e na experiência familiar, quanto aberta e internacionalista. As andanças acadêmicas levaram o “moleque Ricardo” de Coromandel (MG) a Goiás, ao Rio, a Cuba e a uma antevisão generosa fundada na realidade e nos sonhos de emancipação latino-americanos. Realidade e sonho alimentados incessantemente na ajuda à família na colheita de café (que continuaria durante as férias de graduação), no trabalho como

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

desenhista, na assessoria a movimentos sociais e em congressos acadêmicos internacionais.

Até certo ponto, a paixão do Ricardo pela superação da sociedade injusta na qual vivemos e das formas de trabalho degradantes que caracterizam a mineração somente é rivalizada por seu amor aos livros. A imagem das estantes de sua biblioteca, nas quais os livros precisam ser empilhados em busca de espaço, gerou infundadas dúvidas sobre sua habilidade de conseguir encontrar volumes específicos. Durante o período da pandemia de Covid-19, nas ocasiões de aulas e reuniões virtuais, a “organização” dos livros ao fundo chegou a produzir algumas analogias com uma foto famosa de Jean Piaget em seu escritório.

Assim, a obra que temos a alegria de prefaciara representa uma declaração de amor à literatura e ao povo trabalhador. Nela, conseguimos conhecer as preferências de Ricardo, que nos convida a uma conversa com alguns de seus autores favoritos, e a um passeio pelas angústias e preocupações que o afligiram ao longo desses últimos três anos (2019-2021).

Nessa jornada se faz acompanhar por clássicos latino-americanos, como Neruda e García Márquez, sem descuidar de referências como Zola. Não obstante, é a literatura nacional, particularmente em seu aspecto regional, que se afirma proeminente, seja em figuras ilustres como Guimarães Rosa e Drummond

de Andrade, seja em nomes menos citados, como do poeta e compositor Gerson Coutinho da Silva, conhecido como Goiá. É por meio dela que Ricardo vincula a vida cotidiana e a cultura popular, “a realidade simbólica e material do sertão”, recuperando o exemplo de seu avô, e fazendo “da vida e do trabalho também uma forma de contar histórias”.

Na verdade, Minas Gerais é o começo e o fim desse percurso circular que Ricardo escolheu para organizar os seus textos. Assim, ao invés de apresentar suas crônicas em ordem cronológica, Ricardo nos leva a uma caminhada retrospectiva.

A jornada se inicia com uma reflexão abrangente sobre os desastres de barragens de rejeito que destruíram as bacias dos rios Paraopeba e Doce e tanto marcaram as pessoas que vivem nesses territórios, fazendo da mineração objeto de atenção de todos os brasileiros. Os textos iniciais são referentes à memória – e às tentativas de seu apagamento – desses desastres, buscando demarcar sua irreversibilidade e, principalmente, sua infinitude na experiência cotidiana. Assim, Ricardo faz sua parte “Para não esquecer”, como defende o jornal “A Sirene”, organizado por pessoas atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão.

Em seguida, o autor nos leva a conhecer a mineração no Cerrado e no “Planalto Central”, de onde sempre nos envia saudações e reflexões. Em grande

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

parte, esse bloco de textos discute o mundo do trabalho mineral, narrando criticamente o sofrimento gerado por um setor que reconhecidamente mata, mutila e adocece os trabalhadores. A sensibilidade desses textos, reconhecendo o trabalhador como pessoa atingida pela mineração, se combina à indignação e à resistência organizada às condições desse trabalho, que hoje mobiliza acadêmicos, órgãos públicos e movimentos sociais em Goiás e em todo o país.

Depois dessa incursão pela mineração em Goiás, Ricardo nos leva de volta a Minas Gerais, mais precisamente a Coromandel, onde os garimpos de diamante marcam o início de sua trajetória e suas pesquisas sobre mineração. A partir dessa região, que é “meio Minas, meio Goiás”, Ricardo mostra todo o seu talento e sincretismo, dialogando tanto com Marx quanto com cancioneiros populares para produzir uma bela representação dos tipos sociais que povoam o mundo do garimpo.

É desse mosaico de tipos, tempos e lugares que Ricardo extrai a concretude da questão mineral brasileira, que se desdobra diante de seus olhos, atentos e curiosos, mas principalmente comprometidos com a transformação do mundo. Com a literatura como ferramenta, ele se propõe a entender e a nos explicar como as atividades extrativas minerais se manifestam nas experiências do povo trabalhador, gerando

Ricardo Assis Gonçalves

riqueza e pobreza, infraestrutura e danos ambientais, conexões e fraturas em seu cotidiano.

Se em 2018 tivemos o lançamento do livro “Poema Mineral”, organizado por Charles Trocate e colaboradores, do Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM), em 2021, Ricardo Jr. Gonçalves nos propõe a “Crônica Mineral” e uma outra forma, vívida e ancorada nas vidas daquelas e daqueles que suportam desproporcionalmente suas agruras, de debater criticamente o papel da mineração no Brasil.

Rodrigo Salles Pereira dos Santos
(UFRJ)

Bruno Milanez
(UFJF)

APRESENTAÇÃO

O livro de Ricardo Gonçalves *Onde você está nesta lama? Crônicas da mineração no Brasil* tem dimensão daquilo que se exige em literatura, o realismo; e aquilo que não é escapável, a dureza do imaginado. Entre realismo e ficção, esta última se institui de ênfases, transforma-se em uma coleção de imagens neutras, sem dar satisfação de onde ela emerge e o que procura dialogar. A falência do indivíduo ou a dicotomia entre desejo e realidade favoreceu o ambiente e as distorções que essa literatura conturba na vida social; produziu um sujeito social que é o que não pensa e que pensa o que não é. A literatura é, entretanto, exercício de atribuições.

O escritor destas crônicas as escreve com domínio de estilo a rotina do usurpador. Impõe o realismo não por obrigação, mas porque destrincha a materialidade do cotidiano e com ela a força literária capaz

Ricardo Assis Gonçalves

de provocar efeitos duradouros na ecologia da mente humana. É capaz de mover todos os argumentos para produzir comunicados no interlocutor de hoje e do futuro. E o faz com todas as pretensões da palavra, que invalidada pelos polos sistêmicos de dominação dentro do problema mineral brasileiro, impinja-lhe sem cessar sua causa e efeito geografados no mesmo corpo social, o que colabora e o que contesta tal situação.

As crônicas deste livro contestam o modelo mineral. O autor coopera de maneira decisiva para que elas tenham esta feição radical entre a vida prática e dela a imaginação do mundo pelo que escreve aos necessitados de uma nova sociabilidade. Ele envolve-se nos artefatos peça a peça do que precisa ser enunciado. Cristaliza seu compromisso ao sofrer pela ausência dos demais pelo qual escreve as implicações do intolerável.

No Brasil de hoje em que muito se discute a morte da literatura e com ela qual o tamanho do crânio do leitor, é possível imaginar algo de assombroso neste livro e a quem ele possa despertar – algo de impaciência no interior da crise política racionalizada entre o bem e o mal. Há, contudo, outros leitores que não terão mais nada a fazer senão assumir-se também como parte da rolagem de lama e rejeito. Juntar-se ao comboio dos afetados da economia mineral que perdem tudo sem ter a quem reclamar e das ruínas estendem prerrogativas que a moldura do tempo impera ao

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

farto e ao furto da essencialidade. O trabalho de fazer outro mundo, conexões, como a mãe que persevera na memória os arroubos da espoliação.

Ao falar do desprazer do prazer, da satisfação imediata pela fratura do metabolismo social, da morte do trabalho pelo excesso de trabalho e do desperdício de natureza pela validade da mercadoria, é altivo ao perguntar nas entrelinhas de profundo capricho literário qual deve ser a escolha social do escritor prestes a se dissolver para aparecer nas multivozes dos seus personagens; na assumpção dos seus dramas incorrigíveis. A literatura está mediada pelo drama daquilo que sozinhos não podemos resolver. Mas isso não é o caso deste livro. As crônicas que ora perturbam a imaginação se erguem decisivas da tragédia. O que há de mais humano no sofrimento se intromete como contundente crítica social e em comunidade haverá o ato inteligível de comunicar.

As reações do modelo de mineração no Brasil e suas externalidades são fenômenos grandiloquentes de que tudo pode ser mensurado em desenvolvimento e progresso. A sua tecnicidade destrutiva amplificada a tudo e a todos produz a precificação da natureza. Todas as suas parafernalias destinam-se ao presente com mil rumores como aquela imagem do personagem de faca nos dentes. O presente sempre exemplifica o passado e continua futuro do passado. Assim

Ricardo Assis Gonçalves

as “coisas” se movimentam, se repetem na dialética desta repetição.

O princípio da modernidade pela mineração sequestrou-nos na distopia da minério-dependência e mais, somou-se à tentação política para aniquilar qualquer criatividade fora da virtuosidade dos seus resultados: uma sociedade alienada das relações com a natureza e massificada pelo consumo ostensivo dela em tudo que ela possa ser.

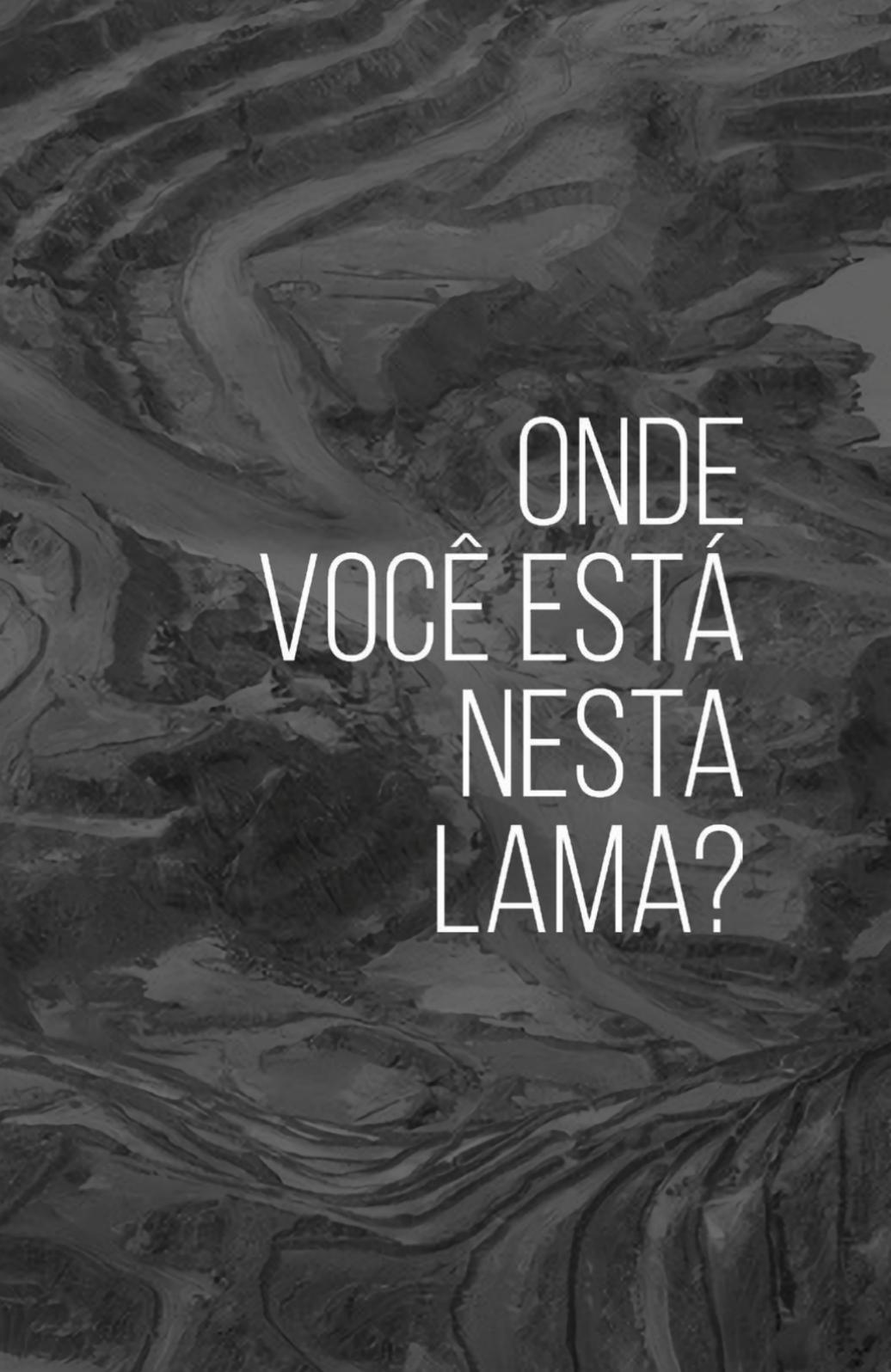
A qualidade literária das crônicas deste livro é indobrável e se deve ao perfil intelectual do seu autor. A experiência que extirpa qualquer resultado do cerco da monotonia. É no desassossego de cada crônica que trabalha percepções de que não há para o presumível a história derradeira e muito menos a inevitabilidade ao dominante. Mudar o tempo social e do capital constitui amálgama que estas crônicas revelam; e, abertamente, anunciam outros fonemas.

Charles Trocate

Vicinal do Limão

Palmares, Parauapebas, Sudeste do Pará

Dezembro de 2023

An aerial photograph of a massive open-pit mine, showing intricate patterns of earthmoving, terracing, and winding roads. The terrain is a mix of dark and light grey, indicating different soil and rock layers. The overall scene is one of intense industrial activity and significant land alteration.

ONDE
VOCÊ ESTÁ
NESTA
LAMA?



MINERAÇÃO, A EXPLOÇÃO DE UM TEMA

De repente explodiu-se no cenário acadêmico brasileiro, especificamente na Geografia, o tema mineração. Essa explosão certamente possui um sentido; é reveladora do pensamento crítico das ciências humanas e sociais no Brasil.

Pois bem!

Há cerca de treze anos dedico esforços de pesquisas sobre o setor extrativo mineral. Nesse período compreendi e participei das interpretações que avultaram o tema na perspectiva geográfica e de outras ciências sociais.

Descobri, ainda, que a mineração foi indevidamente esquecida, com raras exceções, nas pesquisas dos geógrafos; ou indevidamente tratada e limitada a um ciclo econômico da história colonial do Brasil. Não se falava do Brasil como território minerado. No estado de Goiás, por exemplo, a tradição da pesquisa

geográfica passou ao largo das análises de um setor que fratura os territórios, dinamiza ou impõe minério-dependência a municípios, implica na organização do espaço agrário e adoce trabalhadores.

Todavia, nos últimos anos, diante do vulto temático da mineração no espaço acadêmico, passou-se a considerar que há um problema mineral no país. Essa constatação é também exemplificada pelas ações de Movimentos Sociais, sindicatos e ativistas ambientais. A percepção crítica arvorada desde as bases de lutas populares e de comunidades impactadas se soma ao engajamento de pesquisadores, em especial no âmbito da Pós-Graduação. De resto, há clivagens e apropriações por cientistas sociais comprometidos com os interesses das corporações ou financiados por elas.

Por consequência, as questões que se colocam são: por que o tema mineração explode no campo da pesquisa geográfica brasileira? O que motiva, de repente, tantos pesquisadores, inclusive de outros campos, a contornarem suas investigações à mineração?

Os desastres-crimes da Samarco/Vale/BHP Billiton em Mariana/MG (novembro de 2015), e da Vale em Brumadinho/MG (janeiro de 2019); e a necessidade ininterrupta do capitalismo por bens naturais utilizados nos novos equipamentos e tecnologias da transição energética podem justificar o alargamento do tema. Esses dois componentes contribuem com a

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

constatação de que a mineração se tornou um conteúdo urgente do mundo e, por isso, requer atenção crítica das ciências humanas e sociais.

Os desastres-crimes demonstraram, além do mais, que megabarragens, minas a céu aberto e subterrâneas, pilhas de estéril, minerodutos e ferrovias expõem territórios e comunidades a riscos de adoecimento e morte; a situações de medo e sofrimento. O grande público passou a debater a mineração e ela se ascendeu inclusive no cotidiano da população.

O extrativismo mineral, como foi dito, é indissociável do capitalismo contemporâneo: a financeirização dos recursos naturais como terra, água e minérios está no centro das novas fronteiras de acumulação global. Ademais, os minerais são essenciais às tecnologias digitais da Quarta Revolução Industrial e estão na matéria



de todas as mercadorias que circulam ao que Harvey (2018) denomina “ecossistema global do capital”.

Contudo, acreditamos que há na explosão do tema mineração dois problemas: o primeiro é que ele facilmente se oferece ao utilitarismo academicista. Com efeito, pode transformar-se numa pequena “bula de remédio acadêmico”, um filão para participar de publicações e eventos científicos ou facilitar a aprovação de projetos de pesquisas financiados por empresas e agências de fomentos. É interesse das corporações mineradoras financiar pesquisas que defendem a legitimidade do setor no meio acadêmico, e especial das universidades públicas.

Outro problema é ser gerido pela lei do apressamento neoliberal. Resulta disso o fato de que grupos, especialmente os estrategistas acadêmicos, à medida que um objeto ressoa como importante, se apoderam dele rapidamente, mesmo sem tradição e experiência de pesquisa. Embora não possa haver um monopólio temático, o utilitarismo é um dado contraditório e revelador do apressamento neoliberal que se arvora sobre o fazer acadêmico.

Entretanto, pela primeira vez, podemos ser contemporâneos do fato de a mineração participar da consciência coletiva brasileira. Isto quer dizer que ao investigá-la torna-se possível verificar diversos eixos que hasteiam leituras críticas da sociedade contemporânea,

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

tais como: os modelos de acumulação capitalista; saúde-adoecimento-morte dos trabalhadores; o esgotamento, o sofrimento, o racismo e a (in)justiça ambientais; as estratégias corporativas das mineradoras; a desterritorialização de comunidades camponesas e de povos originários; os ciclos de *boom* e *pós-boom* dos preços das *commodities* minerais; e a fratura territorial promovida pelo setor extrativo mineral.

Inclusive, agora se debate criticamente a mineração em terras indígenas, o subsolo como território em disputa, a transparência e o controle social da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM), a transição energética e os minerais críticos, a organização dos movimentos de resistência, a legislação, as políticas públicas e o poder das corporações.

Sendo assim, a Geografia não se exime da tarefa de interpretá-lo e torná-lo – o tema da mineração – vivo nos debates acadêmicos, assim como na militância e na resistência construídas nos territórios. Quanto ao panorama geográfico, distintas perspectivas se avolumam e adentram análises com enfoques do planejamento e desenvolvimento regional, historiográficos, ambientais, econômicos, lítero-geográficos e territoriais.

Outrossim, a mineração ocupa o fazer de jornalistas e abrange as páginas de jornais; ganha as lentes

de documentaristas; urde os versos e estrofes de poetas e a prosa de literatos; atrai o interesse de pesquisas de mestrado e doutorado; exige a atenção do campo da saúde do trabalhador e mobiliza a ação de ativistas ambientais e sindicais.

Consequentemente, torna-se um tema disputado, mas se coloca como uma possibilidade interpretativa que antes não existia. Isso nos ajuda a construir uma consciência coletiva sobre ele e, ao fazê-lo, deslindar melhor as contradições e os conflitos do território brasileiro.

O fato de aumentar a quantidade de pesquisadores, especialmente geógrafos, que se envolvem com a temática é uma contribuição para detectar problemas graves da formação econômica e social do país, como a adoção do modelo do estado cliente, a força e o enriquecimento das corporações ao custo da “predação ontológica” e o mito de que um território deve ser eternamente colonizado. Acrescentam-se o modo como os trabalhadores são surrados, o desprezo aos povos indígenas, quilombolas e camponeses, a revelação de uma história de pilhagem e a visada do economicismo tornada cultura.

A explosão do tema ocorre no fogo vivo dos conflitos e das potências interpretativas grafadas no campo das ciências humanas e sociais.

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

*“Oi meu diamante, onde você está nesta lama??
Você não merecia isso meu amado filho!!
Te amarei para sempre... tenho certeza ... você estará
comigo no paraíso. Jesus prometeu isso... eu tenho fé...”*

As palavras acima, escritas por uma mãe ao filho e enviadas por *WhatsApp*, dias após o rompimento da Barragem 1, no dia 25 de janeiro de 2019 em Brumadinho (MG), permanecem em seu celular como memória de uma tragédia que não tem fim.

Esta mãe soube no mesmo dia que seu filho estava entre as dezenas de desaparecidos nos escombros do desastre da Vale S.A. Dois anos se passaram e a dor aguda provocada pela perda se mistura à dor por não ter velado o corpo do ente querido.

Do jovem sorridente nas fotos expostas em quadros e álbuns familiares só foi encontrada e identificada a perna direita. Seu corpo foi rasgado pelo peso

da lama-rejeito de minério de ferro. Por isso, o questionamento agoniado da mãe – “onde você está nesta lama?” – ainda ressoa triste e sem resposta.

É manhã de 25 de janeiro de 2021, outra mãe de uma das 270 pessoas mortas pelo desastre da Vale, após uma noite de insônia, levanta com passos lentos, caminha até a sala e observa, em silêncio e lágrimas, o quadro do retrato de formatura da filha. Minutos depois, a mesa do café da manhã está organizada para receber as duas netas que ficaram órfãs. As três sentam-se, miram a quarta cadeira vazia e, por um tempo, os olhares comunicam o sofrimento que aquela ausência continua provocando.

A perda, o luto e as lembranças tecem os dias dessa família fraturada pelo desastre da Vale... um desastre que não passa para esta e outras dezenas de famílias que se tornaram menores e permaneceram com um grande vão de alegria, carinho e amor em seus lares.

Uma terceira mãe, após ler diversas mensagens em um grupo de *WhatsApp* que reúne pessoas impactadas pelo desastre, permanece em silêncio. Diversos familiares, mães, pais, filhos e amigos lembraram-se de que, nesta data (25 de janeiro), seus entes falecidos seriam homenageados no cemitério local.

A visita ao cemitério manifesta uma tradição que inclui oferta de flores, queima de velas, orações

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

e mensagens deixadas nos túmulos. É uma forma de serenar o luto que lateja em cada pessoa que perdeu alguém querido.

A mãe que manteve o mutismo inconformado está entre as famílias de 11 vítimas que seguem desaparecidas; 11 pessoas, trabalhadoras e trabalhadores que sorriram, amaram e foram amadas, abraçaram, emocionaram-se e sonharam; 11 mulheres e homens que continuam sem túmulos para que pais, filhos ou amigos possam visitá-los, rezar por eles ou cultuá-los conforme suas crenças.



Ricardo Assis Gonçalves

As três mães denotam distintas situações de dor, luto, lembranças e homenagens no dia em que se completam dois anos do desastre em Brumadinho, no vale do rio Paraopeba. Elas revelam as faces de uma tragédia difícil de ser interpretada e impossível de ser mensurada.

As implicações desse desastre-crime possuem escalas complexas, que tocam não só ambientes, paisagens e territórios, mas corpos que se tornaram guardiões de afetos e lembranças dolorosas... existências enredadas num continente de saudades. Há mães, pais, filhos, amigos e vizinhos que, de repente, passaram a lidar com o vazio abissal de um abraço, um sorriso, uma companhia e um aperto de mãos.

Centenas de pessoas continuam lutando por reparações dos danos que sofreram e ainda sofrem no amanhecer e no anoitecer dos dias. Contudo, de modo diferenciado, cada sujeito defronta-se com a matéria e a escala das perdas provocadas pelo desastre-crime da Vale. Perdas infinitas, para as quais as explicações abrigadas em palavras ou números não satisfazem, são inexauríveis.

Como mensurar, no cotidiano dos filhos, a ausência de um beijo ou de um abraço da mãe ou do pai? Como explicar, em palavras escritas, a falta das gargalhadas entre amigos que se reuniam nas partidas de futebol? O calor dos encontros entre irmãos e irmãs

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

que não mais existem caberá em algum número? As histórias tecidas no decurso de anos de casamento e o companheirismo dos esposos interrompidos por toneladas de lama-rejeito protagonizarão o enredo de algum romance?

Os dois anos do desastre-crime da Vale representam não só um toldo de dor e tristeza estendido sobre Brumadinho. Naquele local, dezenas de homens e mulheres morreram trabalhando e isso expõe feridas que estavam e continuam abertas no Brasil, antes e depois de 25 de janeiro de 2019. Há nesta data – e em todos os dias – um retrato dramático de um país no qual milhares de trabalhadores continuam experimentando algo em comum: o adoecimento e a morte no trabalho.

A lama-rejeito que jorrou no vale do Paraopeba é também a metáfora da miséria de um país que continua adoecendo e matando seus trabalhadores e trabalhadoras cotidianamente.

Por isso, cabe interpretar o lugar em que nos encontramos. Resta fazer da memória do desastre-crime da Vale uma matéria de consciência política em luta e defesa da saúde e satisfação no trabalho e na vida; fazer da memória desse evento extremo a consciência crítica contra o modelo de mineração que fere a terra e o corpo de mulheres e homens que subsistem nos arrabaldes da dignidade e da justiça.

Ricardo Assis Gonçalves

E, devido a isso, em Brumadinho e no país inteiro, milhares de mães se encontram em uma única voz interrogativa: “onde você está nesta lama?”

Janeiro, 2021

BRUMADINHO, O DESASTRE QUE NÃO PASSOU

No dia 25 de janeiro de 2020 completou-se um ano do desastre da Vale em Brumadinho, na bacia do rio Paraopeba. O rompimento da Barragem I despejou milhões de toneladas de rejeitos de minério de ferro a céu aberto.

Ao se esparramar, a lama-rejeito arruinou ecossistemas; destruiu casas, quintais e roças; desalojou centenas de moradores do vale do rio Paraopeba e matou outras centenas de pessoas. Passou-se um ano, 259 mortos foram identificados e mais 11 vítimas continuam desaparecidas (Defesa Civil, 2020).

Passou-se um ano e a primeira denúncia contra os supostos responsáveis pelo desastre foi apresentada pelo Ministério Público de Minas Gerais à Justiça: 16 pessoas responderão por homicídio doloso (aquele em que há intenção de matar), e as empresas Vale e Tüv Süd, por crimes ambientais (Jucá, 2020a).

Ricardo Assis Gonçalves

Passou-se um ano e centenas de famílias possuem com a luta por justiça e dignidade, e contra a “justiça injusta”.

Passou-se um ano e os sofrimentos das mães, pais, irmãos, filhos, amigos e esposas não serenaram; são dores que provocam o derramamento de lágrimas no solo da saudade.

Passou-se um ano e as crianças que perderam o pai ou a mãe no desastre se ausentaram, em todas as manhãs chuvosas ou ensolaradas, do abraço paterno ou materno.

Passou-se um ano e a mídia corporativa contribuiu para o apagamento da memória da tragédia.

Passou-se um ano e mais de 50 barragens de rejeitos de minérios apresentam alto risco e probabilidade de rompimento em Minas Gerais (Jucá, 2020b), fato que espalha insegurança e pânico em cidades e comunidades fraturadas pela mineração.

Passou-se um ano e o modelo de mineração brasileiro continua vilipendiando territórios, deteriorando a saúde de trabalhadores e exaurindo paisagens.

Passou-se um ano e o adoecimento da população e o aumento das tentativas de suicídio em Brumadinho (Freitas e Almeida, 2020) revelam que o desastre da Vale continua, não teve fim.

A constatação de que o rompimento da Barragem I não passou explícita outra observação: a de que este

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

não é um fato episódico na história da nação. Evidencia as entranhas do Brasil real, sua formação econômica e social; expõe o verdadeiro retrato de um país ferido por desastres permanentes.

Posto isso, se o desastre da Vale é o retrato do Brasil real, é preciso ler criticamente essa fotografia.

Esse desastre é a síntese dramática do modelo econômico que beneficia as grandes corporações mineadoras; incentiva o carreamento de minérios das periferias extrativas para os países ricos; pactua seus interesses com os do Estado; suborna o sistema jurídico e mantém sua estrutura corrupta e benéfica às classes dominantes; estimula a pilhagem ambiental; e acentua a violência contra povos indígenas, quilombolas e camponeses.

Esse desastre, por ser compreendido como o retrato do Brasil real, avulta outros desastres: o desastre da educação; o desastre da violência; o desastre do desemprego; o desastre da desigualdade; e o desastre do trabalho precário.

O desastre da educação no Brasil abrange 11,3 milhões de pessoas analfabetas com 15 anos ou mais de idade, aponta o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018)¹. Ainda envolve cerca de 38 milhões de analfabetos funcionais, de acordo com

1 Em 2022, conforme o IBGE (2023), o número de pessoas analfabetas com 15 anos ou mais foi de 9,6 milhões no Brasil.

dados do Indicador de Analfabetismo Funcional (Inaf Brasil, 2018). Esse desastre não passará enquanto houver um governo que elege professores, pesquisadores e estudantes como seus inimigos, ou que incentiva a deterioração das universidades públicas.

O desastre do desemprego revela um país com 11,6 milhões de desempregados (IBGE, 2020), o qual anula o futuro de jovens e tritura potencialidades e criatividade humanas².

O desastre da violência expõe um país que é ferido todos os dias em cidades, bairros, ruas, casas, praças, comunidades rurais, territórios indígenas e florestas. Conforme dados do Atlas da Violência (Ipea, 2019), em 2017, ocorreram 65,6 mil homicídios no país, representando uma taxa de 31,6 homicídios por 100 mil habitantes. Um desastre que escolhe os jovens e os negros como suas principais vítimas, visto que, do total de assassinatos no referido ano, 35,7 mil eram jovens e 75,5% eram negros (Ipea, 2019).

O desastre da desigualdade não para de aumentar. Em 2018, o IBGE indicou que a desigualdade cresceu no Brasil, uma vez que 43,1% de toda a renda estão concentrados no poder de apenas 10% da população brasileira. Os rendimentos da população 1% mais rica

2 Dados atualizados, de 2021, revelam que são 14,8 milhões de desempregados no país (IBGE, 2021). No terceiro trimestre de 2023, após quase um ano do mandato do Governo Lula, os dados do IBGE revelam 8,3 milhões de desempregados no Brasil, uma redução de 44%.

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

do país são 34 vezes maiores do que ganha a média dos 50% mais pobres (IBGE, 2018). Ademais, dados da Fundação Getulio Vargas (FGV, 2019) esclarecem que, do segundo trimestre de 2015 até 2017, a população em situação de pobreza aumentou 33%, abarcando 11,2% dos brasileiros.

O desastre do trabalho precário não poupa os trabalhadores, expondo milhões de mulheres e homens aos riscos de acidentes, adoecimentos e mortes. Segundo os dados do Observatório Digital de Saúde e Segurança do Trabalho, de 2012 a 2018, o Brasil registrou 4,5 milhões de acidentes e 16,4 mil mortes no trabalho. No mesmo período, a soma dos gastos da Previdência com Benefícios Acidentários alcançou R\$ 79 bilhões, ao passo que 351,7 milhões de dias de trabalho foram perdidos com afastamentos previdenciários e acidentários, segundo a Fundacentro (2019).

Esses e outros desastres desvelam o retrato de um país em escombros, ou especializado nas ruínas de educação, territórios, cultura, juventude, saúde de trabalhadores, ecossistemas e recursos naturais.

Diante disso, a atualidade das palavras de Darcy Ribeiro (2010, p. 18) é assombrosa quando argumentou que o

Brasil sempre foi, ainda é, um moinho de gastar gentes. Construímo-nos queimando milhões de índios.

Ricardo Assis Gonçalves

Depois, queimamos milhões de negros. Atualmente, estamos queimando, desgastando milhões de mestiços brasileiros, na produção não do que eles consomem, mas do que dá lucro às classes empresariais.

Desse modo, o retrato do Brasil real tem as cores de muitos desastres. Contudo, é importante não deixar que eles sejam apagados de nossa memória. O apagamento da memória – como se tenta fazer com o genocídio dos indígenas, a escravidão, a tortura que houve na Ditadura Militar, os desastres da Samarco e da Vale em Minas Gerais – interessa aos governos autoritários, às classes dominantes e às grandes corporações.

Uma das formas de os opressores perpetuarem-se no poder é apagando a memória dos trabalhadores. Assim procedendo, retiram a culpa daqueles que cometem ou são responsáveis pelos desastres.

Em contraposição a isso, não nos esqueceremos do desastre da Vale em Brumadinho, bacia do rio Paraopeba, bem como não olvidaremos os demais desastres que atormentam a população brasileira. Esse é um retrato do Brasil real que precisa ser lido e transformado.

CRÔNICA DE UM DESASTRE ANUNCIADO

O bar é um dos lugares de maior sociodiversidade em qualquer cidade ou país. Nele reúnem-se músicos, escritores, analfabetos, professores, roqueiros, sambistas, sindicalistas, ricos, pobres, ateus, religiosos, jovens, velhos, casais, amigos e, com frequência, bêbados e alcoólatras. Foi um bar, *La Floridita*, em *La Habana Vieja*, Cuba, o lugar predileto do escritor Ernest Hemingway (1899-1961).

O escritor Paulo Mendes Campos (1922-1991) fez do bar um tema exuberante em suas crônicas. Numa delas, *Por que bebemos tanto assim?*, Campos (1961, p. 1) anunciou com convicção: “o homem entra no bar para transcender-se – eis a miserável verdade”.

Pois bem, meu amigo Eguimar Chaveiro¹ afirma que um dos sintomas de qualquer intelectual promissor

1 Eguimar Felício Chaveiro é geógrafo, escritor e professor da Universidade Federal de Goiás (UFG). Coordenador do Grupo de Pesquisa e Extensão Espaço, Sujeito e Existência (Dona Alzira).

Ricardo Assis Gonçalves

é estar à mesa de bar conversando sobre Marx, Foucault, José Saramago, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade... E, quanto mais se bebe, mais o superego repousa e as palavras, as ideias e a criatividade tornam-se robustas.

Às vezes, da prosa no bar saem grandes pressupostos, capazes de sustentar defesas de teses de doutorado, assegura Chaveiro. Amiúde, viajo ao Rio de Janeiro, cidade conhecida no Brasil e no mundo por seus tradicionais bares. São neles, nos bares, geralmente no bairro de Santa Teresa, entre os casarões da Lapa ou nas calçadas das ruas de Copacabana, que costumo reunir com amigas e amigos depois das atividades do Grupo PoEMAS (Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade), da rede Entremio (Rede de Pesquisa Geografia, Turismo e Literatura) e do Fórum Intersindical Saúde-Trabalho-Direito, coordenado pelo amigo e professor Fadel², a cada última sexta-feira do mês.

Numa dessas reuniões em bares do Rio, ao lado de Fernanda Martins, Fernando Soares, Eguimar e Fadel, nosso diálogo tocou a literatura. E, com fluidez, depois de comentários engenhosos sobre *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e *O homem que*

2 Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos é médico, escritor e pesquisador do Departamento de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural (DIHS), da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP-Fiocruz). É coordenador da Coluna Opinião e do Fórum Intersindical Saúde-Trabalho-Direito.

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

amava os cachorros, de Leonardo Padura, palmilhamos a obra de Gabriel García Márquez.

Mobilizado pelos rumos da conversa sobre a narrativa e o realismo mágico do escritor colombiano Garcia Márquez, Fadel lembrou-se do livro *Crônica de uma morte anunciada*. E, no instante de criatividade e empolgação, talvez de transcendência, disse-me: “vamos escrever um texto sobre o desastre da mineração sucedido em Brumadinho (MG), com base no romance?”

No primeiro momento, evitei a possibilidade, por considerá-la insólita. Mas, ao retomá-la, Fadel explicou-me que a ideia era relermos o livro, selecionarmos trechos e relacioná-los, de maneira metafórica, com o que ocorreu em Brumadinho, uma “crônica de um desastre anunciado”, provocada pelo modelo de mineração predatório.

Essa conversa passou-se no final de fevereiro de 2019, um mês após o rompimento da Barragem I, da empresa Vale, no município de Brumadinho. No entanto, o texto em parceria não foi escrito, mas a ideia manteve-se hospedada em minha lembrança.

Na véspera de completar nove meses do desastre da Vale, os jornalistas Lucas Ragazzi e Murilo Rocha lançaram o livro *Brumadinho: a engenharia de um crime*. Nesse livro, escrito com base nas investigações da Polícia Federal sobre o caso, os autores asseveram que,

Ricardo Assis Gonçalves

em diferentes momentos dos anos de 2017 e 2018, engenheiros especialistas em barragens de rejeitos advertiram a Vale de que a estabilidade da Barragem I estava comprometida. Entretanto, a empresa desconsiderou as advertências dos riscos, o que levou à morte de 270 pessoas – das quais 18 continuam desaparecidas em 20/10/2019 – e promoveu a devastação ambiental na bacia do rio Paraopeba.

Tal fato aproxima-se da trama da *Crônica de uma morte anunciada*, escrita por García Márquez. Na narrativa, os habitantes de uma pequena cidade tornaram-se cúmplices do assassinato atroz do jovem Santiago Nasar. Vizinhos e conhecidos sabiam das ameaças e não alertaram a vítima e sua família. Ainda, viriam a ser assombrados pela culpa por não prevenirem o homicídio a céu aberto em praça pública.

Com efeito, transcrevo alguns trechos do romance, seguidos de comentários e conexões com o desastre da Vale em Brumadinho.

Pessoas sabiam que Santiago Nasar ia morrer e não se atreviam a tocá-lo (Márquez, 2010, p. 135).

Em Brumadinho, pessoas poderosas na gestão da empresa foram informadas de que a Barragem I apresentava estabilidade comprometida e riscos de rompimento. Contudo, não se dedicaram a

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

suspender preventivamente as operações da mineradora. A prioridade por lucros vultosos descartou a vida das trabalhadoras e dos trabalhadores.

No dia em que o matariam, Santiago Nasar levantou-se às 5h30m da manhã... Tinha sonhado que atravessava um bosque de grandes figueiras onde caía uma chuva branda, e por um instante foi feliz no sonho (Márquez, 2010, p. 135).

No dia 25 de janeiro de 2019, dia em que 270 pessoas morreriam insufladas de lama-rejeito de minério de ferro, quantos acordaram depois de uma noite de sonhos? Algum deles sonhou com árvores, pássaros ou chuvas nas serras mineiras? Quantos, talvez no sonho, quiçá na manhã, sorriram e, por algum momento, foram felizes?

Alegrias miúdas, amores epopeicos e aventuras quixotescas foram sepultados por toneladas de rejeitos. Nos dias seguintes, sob a chuva plácida de fim de janeiro, o trabalho dos bombeiros mostrou-se obstinado. Vasculharam a lama e identificaram dezenas de corpos, porém, jamais descobririam os sonhos triturados pela escória de minério.

A última imagem que a mãe tinha dele era a de sua fugaz passagem pelo quarto. Acordara-a quando

Ricardo Assis Gonçalves

tentava encontrar, apalpando, uma aspirina no armário do banheiro; então ela acendeu a luz e o viu aparecer na porta com o copo de água na mão, como havia de recordá-lo para sempre (Márquez, 2010, p. 11).

Os 270 mortos não são apenas uma estatística. Cada pessoa tinha uma história, abrigava planos, irrigava esperanças, tinha pai, talvez filhos, mas, sobretudo, tinha mãe. E a dor das mães por seus filhos e filhas mortos é inominável.

No dia em que dezenas de pessoas sucumbiram na gravidade dos rejeitos de minério de ferro, as lágrimas de aflição das mães desabaram quantos oceanos? Naquele dia, quem sabe, muitas mães acordaram antes dos filhos, prepararam o café da manhã e os abençoaram com a oração do abraço e sorriso de despedida. Quando as mães souberam do desastre, a última imagem, vista naquela breve manhã, seria a que recordariam para sempre.

Em suma, 270 mulheres e homens mortos, gente com nome e mãe, não cabem nas narrativas. Todavia, vaticinaram a grave verdade: o desastre da Vale em Brumadinho é a síntese dramática do modelo de mineração brasileiro – crônica de uma morte anunciada.

— § —

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

No início de fevereiro de 2019, estive em Brumadinho.

Na cidade toldada de tristeza e silêncio, lá estavam eles, os bares, contudo, varridos de pessoas e das conversas e alegrias que mobilizam. Como se vê, ainda que sejam emblemas das cidades e dos países, lugares de encontros surpreendentes, podem estar vazios. Nem estes escapam da força de uma dor coletiva e de uma injustiça que teima em existir.

Novembro, 2019

VALE DE LAMA, RIOS DE HISTÓRIAS

No dia 25 de janeiro de 2019, a barragem de rejeitos da Vale desabou sobre territórios em Brumadinho (MG). Dias depois, entre 4 e 6 de fevereiro, tive a oportunidade de participar da Expedição Minas de Lama – organizada pelo Departamento de Geociências da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – no vale do rio Paraopeba, onde a lama de rejeitos de minério de ferro ainda avança exaurindo territórios.

A Expedição teve início no município de Felixlândia (MG) e terminou em Brumadinho (MG). Os três dias de experiência de campo deixaram evidentes as distintas implicações do desastre no vale do rio Paraopeba. Foram perceptíveis o lastro de prejuízos socioeconômicos, o medo e a incerteza do futuro comum em espaços de existência coletiva como bairros, condomínios, comunidades e assentamentos rurais.

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

As vozes dos sujeitos sociais com quem conversei nos dias da Expedição documentam os efeitos irreversíveis do desastre. São vozes de mulheres e homens de lutas, sonhos e grafias de vida que, de repente, foram assaltadas pela lama.

Eis alguns relatos, “rios de histórias” de pessoas reais – nomes fictícios – com sofrimentos sem fim:

Manoel é morador de um condomínio em uma área rural do município de Felixlândia, a 247 km de Brumadinho. Para ele, o medo chegou ao lugar onde vive antes da lama.

Aqui o medo e a tristeza chegaram antes da lama. Nesta semana, despedimos do rio. Foi um gesto simbólico. O Paraopeba é um rio sagrado, ele alimenta muitos que têm fome; dá o de beber para cidades inteiras, sacia a sede de animais, diverte as pessoas. Suas águas irrigam plantas de lavouras inteiras. É um rio muito importante, é sagrado.

O segundo lugar visitado pela equipe da Expedição foi outro condomínio em Felixlândia e também às margens do rio Paraopeba, onde conversei com Garcia. Para ele, a sensação de tristeza era inominável.

Desde que rompeu a barragem, o que sinto não tem nome direito, é tristeza, vontade de chorar, raiva e

Ricardo Assis Gonçalves

dúvida. Não sabemos o que irá acontecer conosco. Investimos para ter uma casa, um lugar de lazer e descanso. Veja esse lugar, a Cachoeira do Choro é um lugar bonito, parece uma brincadeira ser chamado assim. As lágrimas não bastam para explicar a tristeza ao pensar no que a lama fará com o rio Paraopeba.

Na manhã do segundo dia de caminhada geográfica, o sol amanheceu disposto a brilhar para todos, menos para Andrade, um agricultor de 53 anos, em Curvelo (MG).



ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

Nasci e cresci aqui na região, vivo da terra e do trabalho rural. Mas, desde que a notícia da barragem chegou eu não durmo direito, acordo assustado, sem o que fazer com meu gado e com as lavouras. Ofenderam nossa história, nossa vida que seguia tranquila.

De poucas palavras, respirou e disse finalmente: “Envenenaram as águas do Paraopeba, a morte caminha com a lama rio abaixo”.

No Assentamento Rural Dois de Julho, em Betim (MG), na região metropolitana de Belo Horizonte (MG), um camponês confessou: “Antes de acontecer esse desastre de lama, o gado ia até o rio tomar água. Agora tivemos que tirar o gado e não sabemos o que fazer. A lama no rio é prejuízo para nós”.

Após detalhar as perdas acumuladas nos lotes dos ribeirinhos no Assentamento, o mesmo trabalhador concluiu: “O peso da lama de rejeitos, rejeitos de ferro, né, também triturou nossos sonhos”.

No início da tarde do último dia da Expedição, chegamos a Brumadinho. O caminho que leva até a cidade revela serras que escondem feridas abertas por décadas de mineração a céu aberto.

Logo, ao caminhar pelas ruas da cidade e parar numa lanchonete, conheci Euclides, um trabalhador da Vale que presenciou o momento do desastre.

Ricardo Assis Gonçalves

Quando vi aquilo tudo tampado de lama, bateu um desespero e liguei para o E, para o H, para o M, para o R... só caía na caixa postal, não consegui falar com ninguém. Só depois, acharam alguns corpos e entre eles muitos amigos. Bateu um desespero muito grande. Logo depois, o meu telefone não parava de tocar, era gente ligando querendo saber de notícias de parentes. Eram esposas, pais, filhos, netos, todos desesperados. É triste, machucou o povo de Brumadinho.

Finalmente, destaco as palavras de Regina, moradora do bairro Parque da Cachoeira, com quem conversei depois de observar a paisagem desoladora no vale do ribeirão Ferro-Carvão. Ao perguntá-la acerca do futuro nesse lugar, ela respondeu: “Não sei explicar, está difícil. Não quero sair daqui, mas, infelizmente eu penso que o futuro daqui não vai ser bom. Já falam que vai aparecer muitos tipos de doenças”.

Com a voz embargada pela emoção e os olhos orvalhados de lágrimas, continuou de maneira conclusiva: “A tristeza não vai acabar fácil, as pessoas parecem chorar por dentro, em silêncio, como estou sentindo. Mas é muita dor para segurar em silêncio”.

No vale de lama, resistem os rios de histórias desses sujeitos.

Abril, 2019



TERRITÓRIOS FRATURADOS, CORPOS FERIDOS

No dia 5 de novembro de 2018, completaram-se três anos do desastre ambiental provocado pela empresa mineradora Samarco em Mariana, Minas Gerais. Esse desastre-crime difundiu um rastro de destruição na bacia do rio Doce que perdura irreversível.

Lembrar desse fato traduz um esforço para não olvidar os riscos da atividade extrativa mineral baseada na pilhagem dos bens comuns naturais e do trabalho. Evocá-lo também para não manter invisíveis as dores de homens e mulheres que tiveram seus territórios fraturados e seus corpos feridos pela mineração e, em muitos casos, continuam cindidos pelo alcoolismo e depressão, vivendo em moradias temporárias enquanto aguardam o reassentamento de suas famílias.

Por conseguinte, o desastre ambiental da mineração em Mariana exemplifica o resultado dramático

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

do modelo econômico hegemônico, fundado no lucro e na acumulação dependentes da corrosão ambiental e do adoecimento dos trabalhadores.

Expõe ainda a maneira como as empresas mineadoras instituem o controle corporativo de territórios ricos de minérios para exportação e com mão de obra disponível para ser negociada, reproduzindo historicamente a subordinação do Brasil à Divisão Internacional do Trabalho.

Dois dias após o rompimento da barragem do Fundão, em novembro de 2015, desloquei-me para Mariana junto a outros pesquisadores e ativistas ambientais. As experiências de diálogos com militantes, jornalistas, moradores locais e trabalhadores impactados pelo modelo mineral brasileiro e pelo desastre expressavam a atmosfera de incertezas, indignação, perdas, tristeza e medo.

Ainda, foi possível caminhar por lugares atingidos por toneladas de lama de rejeitos que destruíram casas, escolas, quadras de esportes, praças, quintais, roças, áreas de pastagens e ecossistemas. Isso permitiu refletir sobre a dinâmica econômica de morte exposta nas paisagens exauridas pelo desastre.

O contato direto com o município de Mariana e demais territórios impactados pela lama de rejeitos ainda permitiu constatar duas implicações centrais do desastre: primeiro, a cobertura nos meios de

Ricardo Assis Gonçalves

comunicação evidenciou a face de um país pouco conhecido pelos brasileiros. Vídeos e imagens de minas a céu aberto como feridas expostas na terra, grandes barragens de rejeitos e o caminho de devastação provocado pela lama circularam na TV e na *Internet*. Milhões de brasileiros, organizados em movimentos sociais ou não, passaram a discutir a mineração, questionar seus impactos, riscos e lucros das corporações estrangeiras baseados na exploração e exportação intensivas dos bens comuns naturais do Brasil.

Segundo, a escala espacial das implicações socioambientais do desastre evidenciou de maneira indubitável que os efeitos da mineração não se reduzem à mina. As áreas de extração de minérios estão conectadas por uma rede de infraestruturas representativa de riscos, especialmente em territórios ocupados por populações empobrecidas e expostas à injustiça ambiental. Áreas para disposição de rejeitos da mineração, abertura de estradas, construção de minerodutos, ferrovias e portos são estruturas fundamentais para a mineração e impactam territórios e trabalhadores muito além do entorno das minas.

Após três anos do desastre, não houve uma solução eficaz e capaz de agir no reparo ambiental dos territórios erodidos pela lama-rejeito na bacia do rio Doce. Não houve ainda um reparo do direito das

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

famílias e comunidades que tiveram os seus lugares de existência pilhados; que presenciaram os adoecimentos e mortes de trabalhadores.

Ademais, por um lado, a estrutura de pilhagem das mineradoras no território brasileiro, e especialmente de Minas Gerais, não foi modificada. Os ritmos de extração dos minérios, fragilização das leis ambientais e trabalhistas, exaustão das águas e das paisagens locais, interesses por minerar em territórios quilombolas, indígenas e assentamentos rurais, conflitos agrários e expropriação de povos originários de seus espaços de vida coletiva são cada vez mais agudizados.

Por outro lado, houve e está havendo uma estratégia de apagamento da memória do desastre, cuja estrutura se mantém atualizada e tende a se aprofundar com a posse de um governo de extrema direita.

Com efeito, a luta pelo revigoramento da memória do desastre se soma à luta pelos direitos dos trabalhadores e pelos reparos ambientais.

Isso ainda toca o questionamento da relação entre o Estado, as corporações mineradoras e os desígnios do capitalismo relativos ao controle e à apropriação privada dos componentes da vida. Problematização que requisita a compreensão do processo e da produção de uma consciência sobre o território brasileiro.

Ricardo Assis Gonçalves

Daí o encontro necessário entre o discernimento dos trabalhadores e a sua capacidade organizativa na defesa dos direitos humanos e dos bens comuns naturais para que outro desastre-crime como o de Mariana/bacia do rio Doce não se repita.

Janeiro, 2019

NO RÉS DA LAMA

O olhar do geógrafo palmilha as paisagens, detalha as formas sinuosas do relevo, tateia amiúde o cotidiano e compreende a organização dos territórios pelo crivo das desigualdades sociais.

Por isso, o geógrafo caminha com os pés na terra, os olhos nos horizontes e as interrogações entranhadas nas realidades social, política, cultural e econômica de cada lugar. Sua imaginação transcende os sentidos imediatos e desenha constelações inteiras para retornar ao mundo tocando as coisas aparentemente insignificantes e ordinárias. Seu ofício arquiteta usinas de ideias e narrativas para explorar a pletora de imagens, símbolos, contradições e conflitos que palpitam em todo o território e em toda a sociedade.

O geógrafo tem intimidade com a liberdade, a aprendizagem e o amor, como Fernão Capelo Gaivota. Assim, na condição de geógrafo, minha formação e

ações pedagógicas, de ensino, pesquisa e extensão contaram sempre com a disposição para as viagens, expedições e andanças por distintos territórios.

Na linguagem da Geografia, chamamos isso de trabalho de campo. E, ao caminhar ou realizar trabalhos de campo em espaços urbanos ou rurais, em países da América Latina e Caribe, Europa ou África, constatei as distintas formas de organização social, moradia, línguas, culinária, relação com a terra, com as sementes, as águas e as florestas. Em cada caminhada geográfica, meus olhos sondaram paisagens que dilataram o mapa de saberes urdidos no campo da própria experiência de vida.

Essas reflexões, miradas no ofício da Geografia, permitem retomar algumas das minhas vivências geográficas no contexto de dois desastres envolvendo a mineração em grande escala no Brasil: o desastre da Samarco/Vale/BHP Billiton (05/11/2015) e o desastre da Vale (25/01/2019).

Os dois eventos promoveram um rastro de destruição e morte na bacia do rio Doce e na bacia do rio Paraopeba, em Minas Gerais. Poucos dias após o rompimento tanto da barragem de Fundão, em Mariana (MG), quanto da Barragem I, em Brumadinho (MG), tive a oportunidade de participar de trabalhos de campo em cidades, comunidades e assentamentos rurais engolfados pelo peso da lama-rejeito de minério de ferro.

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?



Contudo, ainda não conhecia Paracatu de Baixo, um dos lugares destruídos pelo dilúvio de rejeitos da barragem de Fundão. Essa experiência somou-se à inserção em diversos ambientes dos desastres nas bacias do rio Doce e do rio Paraopeba, dos diálogos com

trabalhadores, ativistas ambientais, militantes por causas territoriais e de trabalho, jornalistas e pesquisadores.

Paracatu de Baixo localiza-se no município de Mariana (MG) e é um subdistrito de Monsenhor Horta. Com poucas dezenas de casas erguidas ladeadas no curso do rio Gualaxo do Norte, a vida nessa localidade fluía serena no vale dadivoso entre os cerros que tumultuam a topografia local. A sua rica história mantém eloquência com o passado das minas, contato dos trabalhadores com a terra, festas, relações de solidariedade, vizinhança e religiosidade.

Conhecer Paracatu de Baixo só foi possível por intermédio de um trabalho de campo no dia 5 de junho de 2019, acompanhado por outro geógrafo e uma pedagoga. Estar com os pés no rés da lama e diante de casas, bares, igreja e escola arruinados pela lama-rejeito suscitou refletir sobre o quadro de pilhagem e agravo aos direitos humanos provocado pelos desastres do modelo de mineração brasileiro.

Esse quadro desenha uma situação contínua de abandono, memórias e corpos feridos. Há pouco mais de três anos do desastre da Samarco/Vale/BHP Billiton, dezenas de pessoas que perderam suas casas ou tiveram seus territórios de existência esfarrapados pelos rejeitos de minério de ferro continuam defrontando-se com os desafios de reconstrução da vida, moradia, educação dos filhos, trabalho e saúde emocional.

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

Outros, conforme relatos de entrevistados, mobilizam forças com a militância, lutam juntos aos movimentos sociais para combaterem o vilipêndio de direitos, o furto da dignidade e as promessas falaciosas de empresas e do Estado. Lutam também contra o apagamento da memória do desastre, bem como das trabalhadoras e trabalhadores que morreram ou adoeceram diante de tamanho sofrimento e desamparo.

Em Paracatu de Baixo, conversamos com Clarice, cuja família perdeu a casa, móveis, documentos, álbuns fotográficos e o próprio lugar onde a vida cotidiana era lastreada por uma densa relação identitária. Diante do que resistiu das casas, as mãos de Clarice apontavam para cada lugar enquanto lembrava de vários moradores, vizinhos, amigos e familiares. Mostrou onde era o campo de futebol, o que restou da igreja e da escola. Falou dos vizinhos idosos que, após o desastre e a mudança para a cidade de Mariana (MG), adoeceram entristecidos. Sublinhou a saudade das festas e missas. Por fim, emocionou-se ao observar o céu azul e dizer de sua fé.

Saímos de Paracatu de Baixo irrigando as palavras de Clarice na memória, conscientes de que a continuidade do modelo de mineração no Brasil é o mesmo que se expor aos riscos de novos desastres, mais morte de trabalhadores e destruição de comunidades. Parafraseando o escritor colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014), é como uma “crônica de uma morte anunciada”.



MINERAÇÃO E SOFRIMENTO AMBIENTAL

Nos últimos dias, a chuva tocou a terra vermelha de Goiás. Após meses de calor e praticamente nenhuma gota d'água derramada do céu do Planalto Central, as primeiras chuvas alegraram os pássaros que dançam no céu de Goiânia (GO). As chuvas também avultaram as distintas tonalidades de verde, que brotaram das árvores ressequidas do Cerrado.

A transformação repentina da paisagem não passa despercebida somente por aqueles que têm os olhos educados pela geografia. Todos observam e sentem as mudanças de cheiros, cores, sons, umidade do ar e temperatura diária.

O desconforto de 38 graus e a umidade do ar abaixo de 12%, no decorrer dos meses de agosto e de setembro, modificam-se com as chuvas. As famílias de trabalhadores com pessoas idosas em casa tranquilizam-se diante do calor abrandado; atenuam-se

os incômodos nos olhos, lábios, pele e vias respiratórias, provocados por poeiras e fumaças de queimadas.

Essa descrição explícita o momento de transição da estação seca à estação chuvosa nas áreas de Cerrado. E não há dúvidas de que essa transição, que tateia o meio ambiente, influi na qualidade de vida relacionada às práticas de leitura, escrita, deslocamento, descanso, lazer e trabalho. Situações que explicam o que estudiosos do clima e arquitetos denominam conforto ou desconforto ambiental.

Distinta desse viés é a perspectiva do sofrimento ambiental, visto que os determinantes da vida boa ou da deterioração da saúde suplantam as mediações do ambiente natural, as variações das estações secas e chuvosas, as oscilações de umidade e temperatura.

Esse viés requer o tino crítico e a mira às transformações, impactos e fraturas provocados no ambiente em que as pessoas moram, brincam, circulam, trabalham, estabelecem relações de vizinhança e pertencimento (Souza, 2019). Fatores como poluições do ar e sonora, contaminação do solo e das águas, desmatamento e destruição de nascentes desestruturam ambientes de vida de populações.

O termo *sofrimento ambiental* emergiu de experiências de pesquisas realizadas na Argentina, como as de Javier Auyero e Débora Swistun, que investigaram efeitos de ações industriais contaminantes em Villa

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

Inflamable, de Buenos Aires, na saúde das pessoas residentes. Por consequência, identificaram um tipo específico de “sofrimento social” que, então, passaram a denominar de “sofrimento ambiental”.

O geógrafo Marcelo Lopes de Souza, no livro *Ambientes e Territórios*, problematiza essa noção ao afirmar que o entendimento que se tem dela solicita plasticidade para evidenciar processos reais causadores de sofrimento ambiental, além de causas relacionadas às “ações contaminantes”. Ademais, ele afirma:

O sofrimento ambiental pode ser físico ou psíquico, e ir de um simples desconforto a enfermidades graves, mutilações e incapacitações permanentes, além de incluir os aspectos de sofrimento psíquico ligados, por exemplo, à circunstância de testemunhar desastres ou perder, amigos e vizinhos em uma tragédia (Souza, 2019, p. 145).

Diante disso, considera-se que sofrimento ambiental é uma noção importante para potencializar a interpretação crítica do modelo de mineração no Brasil. Isso porque esta é uma atividade extrativa que age deteriorando e explorando bens comuns naturais e a saúde de trabalhadores.

Além disso, como esse é um setor que opera em redes de produção integradas a minas subterrâneas e

a céu aberto, barragens de rejeitos, pilhas de estéril, minerodutos, ferrovias, portos e siderúrgicas, territórios e populações impactadas são abrangentes.

Ao sofrimento de trabalhadores que adoecem no trabalho soma-se o sofrimento de populações locais desterritorializadas e impactadas em seus espaços de vida no entorno desses empreendimentos. O cotidiano do trabalho na mineração é marcado pela exaustão do corpo de trabalhadores; um ambiente no qual, por um lado, os riscos de mortes provocadas por acidentes são constantes e, por outro lado, em que a “morte lenta no trabalho” também é contínua, pois a exposição a ruídos, vibrações, poeira, calor, risco de desabamento, atropelamento, queda, carregamento de peso, manejo de explosivos e maquinários pesados é deteriorante da saúde.

Dados divulgados pela Fundação Jorge Duprat e Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho (Fundacentro) demonstraram que, de 2002 a 2010, enquanto o Índice Médio de Acidentes de Trabalho no Brasil foi de 8,6%, a mesma taxa alcançava 21,9% na mineração.

Outras informações, expostas no jornal O TEMPO (2019), com base no cruzamento de dados da Comunicação de Acidentes de Trabalho (CAT) com o número de empregos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), revelaram que, em 2017, “para cada grupo

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

de 100 mil empregados, a taxa foi de 5,6 óbitos para todas as atividades. Na mineração, ela foi de 14,8 mortes”. Destaca-se ainda que, entre 2012 e 2018, “foram 37,4 mil pessoas feridas em serviços no setor” (O Tempo, 2019).

A despeito de essas cifras serem expressivas, os casos de subnotificação, que são frequentes, tornam-nas muito maiores. A gravidade dessa realidade no setor da mineração no Brasil tornou-se conhecida do público geral por intermédio dos rompimentos das barragens de rejeitos em Mariana-MG (novembro de 2015) e Brumadinho-MG (janeiro de 2019).

Ambos os casos podem ser considerados “acidentes de trabalho ampliado”. Especificamente em Brumadinho, resultou na morte de 270 pessoas, entre as quais 11 continuam desaparecidas. Dessas mortes, 131 eram empregados diretos da empresa Vale S.A e 139 eram terceirizados ou da comunidade, segundo informações da Defesa Civil-MG em 24/10/2020.

Esses mesmos desastres ainda são emblemáticos das situações de sofrimentos ambientais físico e psíquico devido: a perdas familiares pela morte de filhos, pais, mães, irmãos ou amigos e vizinhos; à destruição de casas, quintais, terras agricultáveis, rios e nascentes provocadas pela lama-rejeito de minério de ferro; e a traumas de pessoas que testemunharam o desastre e ainda vivenciam momentos toldados de tristezas.

Ricardo Assis Gonçalves

Há que considerar ainda que o medo de pessoas que vivem próximas a barragens de mineração evidencia que o sofrimento ambiental também se manifesta de maneira distinta no espaço e no tempo.

Assim, enquanto o modelo de mineração predatória prevalecer nos territórios minerados distribuídos em praticamente todo o país, o sofrimento ambiental da população impactada será um fato cotidiano e corrosivo da saúde e da vida de trabalhadores.

Finalmente, no momento em que a chuva chega sorradeira das nuvens que passeiam e cobrem o céu de Goiânia, folheio um livro do poeta chileno Pablo Neruda e identifico nos versos do poema *Los hombres del nitrato*¹ as seguintes palavras: “*Adonde vayas, habla tú de estos tormentos, habla tú, hermano, de tu hermano que vive abajo, en el infierno*”².

O poeta viu de perto o sofrimento dos trabalhadores das minas de cobre e salitre do Chile e não se calou e sonhou com a liberdade e a justiça entre povos da América Latina. Assim também procederemos: não nos calaremos frente às injustiças e ao sofrimento de mulheres e homens que continuam se acidentando, adoecendo e morrendo em situações de trabalhos degradantes na mineração.

1 Os homens do nitrato

2 “Aonde fores, fala destes tormentos, fala tu, irmão, de teu irmão que vive embaixo, no inferno.”

LÁGRIMAS DE NÍOBE

Ao abrir este texto, a leitora e o leitor quicá interroguem: o que o motivou a escrever sobre um metal, o nióbio? Ou, então, qual a relação desse metal com uma personagem da mitologia grega, Níobe?

As narrativas da mitologia grega dizem que Níobe, filha de Dione e Tântalo, era esposa de Anfião, rei de Tebas, e distinguia-se por ser uma rainha de invejável fertilidade. Mãe de sete filhas e sete filhos, ela desfilava com seus catorze rebentos e exibia sua beleza nas praças e palácios.

Certo dia, os deuses decidiram promover uma grande festa, na qual renderam encantos e presentes a Leto, mãe de Apolo e Ártemis. Enciumada pela atitude festiva dos deuses, Níobe zombou da deusa por ser mãe de apenas dois filhos. Indignada com essa intrepidez, Leto pediu a Apolo e Ártemis, exímios arqueiros,

Ricardo Assis Gonçalves

por vingança, que matassem todos os filhos e filhas da arrogante mortal. Assim, procederam.

Apiedado com a agonia de Níobe, Zeus a converteu numa rocha cujas vertentes jorram água por nascentes eternas, como se fossem as lágrimas pela morte tétrica das filhas e dos filhos.

Desse modo, quando, no início do século XIX, pesquisadores ingleses descobriram um novo elemento da tabela periódica (de número 41) e atribuíram-lhe o nome nióbio, por diferenciá-lo de outro metal, o tântalo, tiveram como referência esse mito grego.

A partir da metade do século XX, o nióbio tornou-se um recurso importante da geopolítica dos recursos minerais. Em países que controlam os avanços científicos e tecnológicos ou que possuem grandes investimentos em megaestruturas que demandam a utilização de aço, a presença do nióbio é essencial.

Isso tem a ver com as diversas aplicações deste metal em setores como automobilístico, armamentista, aeroespacial e construção civil. Turbinas de aviões, automóveis, fios supercondutores, armas, pontes, torres de transmissão, painéis solares, torres eólicas, prédios, aparelhos de ressonância magnética e tubulações para gasodutos e oleodutos são alguns dos exemplos que contam com a aplicação do nióbio.

Especificamente, a participação do Brasil na rede global do nióbio dá-se enquanto fornecedor do metal

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

para os países ricos e industrializados como China, Estados Unidos e Japão. As maiores reservas mundiais em exploração localizam-se no território brasileiro, nos municípios de Araxá, no estado de Minas Gerais, e de Catalão e Ouidor, no estado de Goiás.

No Brasil, a Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM) em Araxá (MG), a Niobras, do grupo chinês CMOC International Brasil, localizada em Catalão/Ouidor-GO, e a Mineração Taboca, controlada pela peruana Misur, com mina e metalurgia localizadas em Presidente Figueiredo (AM) são as três empresas responsáveis por aproximadamente 86% da extração de nióbio e produção de ferro-nióbio (liga metálica composta por 65% de nióbio e 35% de ferro) no mundo (CBMM, 2019; Ibram, 2019).

Apesar do protagonismo brasileiro na rede de produção global de nióbio, há em torno de 85 depósitos conhecidos e mapeados em diversos países como Austrália, Angola, Rússia, República Democrática do Congo, Arábia Saudita, Finlândia, Tanzânia, Nigéria, Malawi e Etiópia.

Com efeito, essa existência de tantos depósitos ainda não explorados decorre fundamentalmente do cenário contemporâneo de oferta e procura. Apesar do aumento no consumo e necessidade de novas aplicações, o mercado do metal é restrito e a demanda, até o momento, é limitada.

Destaca-se ainda, conforme a CBMM (2019) e o Ibram (2019), que a capacidade produtiva das empresas do setor é mais de duas vezes superior à demanda de mercado mundial.

Destarte, não faz sentido aumentar a produção sem demanda crescente. Do mesmo modo, elevar os preços implica em diversas reações na extração, no mercado e no uso do nióbio. Entre elas, viabilizar a exploração de reservas do metal que já são conhecidas em outros países; ou, ainda, investir na aplicação de sucedâneos como titânio e vanádio.

Por consequência, essas informações e dados contribuem para desmistificar diversos discursos ufanistas que orbitam o nióbio, especialmente o de que sua “exploração racional” é capaz de resolver o problema econômico brasileiro.

Diante disso, a justificativa de que novas fronteiras extrativas do nióbio precisam ser abertas em outros territórios para contribuir com a “autonomia econômica do Brasil” é um álibi usado, principalmente, pelo atual governo para deslegitimar os direitos dos povos indígenas. Isso ocorre, sobretudo, disseminando a ideia de que os povos indígenas e seus territórios são entraves para o desenvolvimento do país.

A recorrente afirmação de que a Reserva do Morro dos Seis Lagos, que também abrange terras indígenas no município São Gabriel da

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

Cachoeira-AM, por conter grandes reservas do metal nióbio, é um estorvo para a economia brasileira colabora para aliciar a opinião pública e torná-la convicta de que é forçoso desfazer os marcos regulatórios que asseguram os direitos dos povos indígenas e seus territórios no Brasil. Em suma, isso atende aos interesses dominantes de grileiros, garimpeiros, madeireiros e das grandes empresas de mineração, energia e agronegócios.

Sublinha-se, ainda, que a narrativa de empresas e autoridades sobre os “benefícios ambientais” dos usos do nióbio em produtos finais da indústria automobilística, ou em aços inoxidáveis e aços estruturais, oblitera outros efeitos na rede de produção do metal. Neste caso, a posição do Brasil na periferia da Divisão Internacional do Trabalho revela as implicações da dependência histórica da exploração exaustiva da natureza e dos trabalhadores.

Por exemplo, evidenciam-se a precarização e os riscos para a saúde do trabalhador nos complexos de minas e metalurgia do nióbio, os impactos ambientais nos municípios minerados, as denúncias de contaminação, a pilhagem dos territórios, os conflitos com comunidades vizinhas às minas e a disputa pelo subsolo.

Pesquisa os conflitos socioambientais envolvendo a extração de nióbio em Goiás nos municípios

de Catalão (GO) e Ouvidor (GO) desde 2012. No entorno da mina Boa Vista, localizada em Catalão (GO), na qual a empresa Niobras extrai nióbio, muitas trabalhadoras e trabalhadores vivem em comunidades camponesas e ainda mantêm a relação com os espaços de existência e trabalho coletivos, por meio da produção de alimentos e comercialização em feiras livres, organização em associações e realização de festas tradicionais.

No entanto, frente à intensificação dos processos extrativos no decorrer dos últimos anos, as paisagens locais foram sistematicamente transformadas pelas atividades de expansão da mina a céu aberto, pilha de estéril, abertura de estradas e compra de terras pelas mineradoras.

A fratura dos territórios representa a desterritorialização compulsiva de famílias e a exaustão das paisagens pelo que Harvey (2018) chama de “degradação cancerosa da natureza”.

Nesse sentido, o rompimento compulsório das famílias com a terra e as comunidades rurais é um processo doloroso. Representa uma quebra aguda da relação íntima com a casa, o quintal, os animais domésticos, as roças, os vizinhos e os festejos locais.

Ao entrevistar sujeitos expropriados pela megamineração de nióbio em Catalão (GO), presenciei a dor de alguns ao distinguir seus olhos umedecidos de

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

lágrimas. Não as lágrimas que jorram de rochas como na metáfora do mito grego, mas as lágrimas dos pobres e subalternos que experimentam, no corpo e nos seus territórios coletivos, a violência do modelo da megamineração a céu aberto.

Outubro, 2019



NA BOCA DO INFERNO

Deixai toda esperança, vós que entraís!
(DANTE ALIGHIERI)

A epígrafe acima foi extraída de *Inferno*, primeira parte do livro *A divina comédia*, de Dante Alighieri (1265-1321). Segundo o poeta, essas palavras estavam escritas no alto do portal do inferno e advertiam, em tom sombrio, aos chegantes o que estavam prestes a conhecer. Ao lê-las, Dante se assusta, sente medo e confia seu pavor a Virgílio.

Experiente, Virgílio sugere-lhe que não tema, pois ainda vive, não é uma das almas sofredoras e não está aprisionado à escuridão eterna. Contudo, ao atravessar o portal e uma vez dentro do inferno, Dante não suportou o que viu e chorou. Os gritos terríveis, a escuridão bordada no céu, o calor impetuoso, os lamentos de aflição e dor assombraram os seus olhos, sem entender o motivo de tal sofrimento.

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

Na sequência, Virgílio voltou a explicar-lhe que os espíritos atirados ao inferno não têm esperanças de remissão, o mundo esqueceu-se deles, bem como a misericórdia divina e a justiça obliteraram seus soluços de sofrimento.

Essa parece ser a alegoria apropriada para representar a sensação ao se entrar em uma mina de exploração de minérios a céu aberto. Ou para relatar as impressões que tive ao adentrar e conhecer a mina Boa Vista, de propriedade da empresa CMOC Brasil (subsidiária da corporação China Molybdenum), responsável pelos processos de extração e de metalurgia de nióbio em Catalão (GO) e Ouidor (GO).

A mina Boa Vista é uma megacava perfurada em negativo na crosta terrestre. Esse empreendimento transformou lugares ocupados por agricultores familiares em um território de exploração mineral em grande escala. Trata-se de um território de degradação não só ambiental, mas também da saúde de trabalhadores. Por isso, é um território que exige atenção e ação enérgicas e efetivas de vigilância em saúde do trabalhador.

A partir do mapeamento dessa realidade e com o objetivo preventivo de identificar e intervir nos riscos e agravos à saúde dos trabalhadores da mina Boa Vista, fiscais da Superintendência de Vigilância em Saúde (Suvisa) do Estado de Goiás coordenaram

uma ação de fiscalização sanitária em saúde do trabalhador nesse empreendimento minerário em julho de 2019.

Além dos fiscais da Suvisa, essa ação local contou com representantes sindicais, servidores do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (Cerest) – Regional Itumbiara, da Regional de Saúde Estrada de Ferro, da Vigilância Sanitária Municipal de Catalão e pesquisadores da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Participei dessa ação de vigilância em saúde do trabalhador (Visat) e verifiquei a importância desta como ação pública capaz de agir nos processos de identificação e de intervenção nos fatores que determinam e intensificam a degradação do trabalho.

A ação na mina oportunizou a observação direta dos ambientes e das relações de trabalho, bem como a aplicação de entrevistas estruturadas e o mapeamento de riscos ocupacionais. Posteriormente, a análise do material documental da empresa permitiu a descrição do perfil dos trabalhadores e o aprofundamento da percepção dos riscos de exposição aos ambientes e processos de trabalho na mina Boa Vista.

Dessa maneira, ingressar no interior de uma mina é como se afundar em uma grande cova. No fundo da mina a céu aberto, a sensação é a de estar entranhado em um ambiente arruinado e esterilizado. A ação vertical e avassaladora da mineração

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

predatória provoca a destruição irreversível das paisagens locais. As tonalidades de cinza e amarelo ilustram as cores da degradação cancerosa de ecossistemas.

Ademais, observam-se o fluxo ininterrupto de maquinários e caminhões, o barulho estrepitoso de perfuratrizes, o calor abrasivo e a movimentação de trabalhadores expostos ao sol como se estivessem dentro da boca do inferno. No interior da mina, o trabalho extenuante provoca o esgotamento da saúde dos trabalhadores na mesma medida da dilapidação dos minérios. É um processo de deterioração dos bens territoriais e da saúde dos trabalhadores.

Por consequência, a mina pode ser considerada um “território de adoecimento”. Se a mineração promove a pilhagem de terra, água e minério, ela implica também a fratura do corpo dos trabalhadores por meio de doenças respiratórias, amputação de membros, perda auditiva e adoecimento psíquico. A extração de minérios é indissociável da “extração do homem” (Grossi, 1981). Os riscos dos agravos à saúde dos trabalhadores da mineração promovem a “morte lenta no trabalho” (Rebouças *et al.*, 1989) ou a “morte imediata” por meio de acidentes.

A inserção direta no ambiente da mina Boa Vista e as entrevistas com trabalhadores contribuíram com o esforço de interpretação dos riscos de acidentes e

de deterioração do trabalho na mineração. Nas entrevistas, os respondentes descreveram aspectos do cotidiano na mina ao se referirem a trabalho noturno, monotonia, repetitividade de funções, horas extras e a carga de trabalho extenuante.

Quanto à percepção de risco, os entrevistados reconheceram potenciais agravos à saúde, provenientes das exposições a calor, poeira, ruído, vibração, manuseio de produtos químicos, radiação solar, desmoronamento, colisão e atropelamento, má postura e levantamento de peso. Igualmente, foram mencionados outros riscos, entre eles: uso de explosivos para desmonte de rochas, prensamento e/ou torção de membros e quedas sobre fragmentos de rochas soltas no fundo da mina.

Insuflados em um ambiente de maquinários pesados, desmonte de rochas por uso de explosivos, poeiras, vibrações e ruídos, os trabalhadores descreveram distintos sinais e sintomas que sublinham a deterioração do trabalho.

Os relatos de cansaços mental e físico agudos, dores no corpo, ardor nos olhos e usos de medicamentos antidepressivos demonstram que uma mina a céu aberto é, de fato, um “território de deterioração do trabalho”. Logo, na mina é como se os trabalhadores estivessem em um inferno terreno e humano. Contudo, não é possível proceder como Virgílio sugeriu a Dante diante de tanta aflição, ao fazê-lo apenas olhar

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

e passar, deixando as pessoas como estavam – abafadas pelo esquecimento e cegueira da justiça.

Os trabalhadores da mineração requerem a ação contínua, cotidiana e sistemática da vigilância em saúde do trabalhador, pois a ausência dela continuará expondo esses sujeitos a mais acidentes, doenças, sofrimentos e mortes no trabalho.

Maio, 2020

DE MÃOS DADAS PELA SAÚDE DO TRABALHADOR EM GOIÁS

Mãos se encontram na luta em defesa da saúde do trabalhador em Goiás. Mãos de professores, pesquisadores, estudantes, sindicalistas, ativistas populares e servidores da Superintendência de Vigilância em Saúde (Suvisa), da Secretaria de Saúde do Estado de Goiás (SES) e dos Centros de Referência em Saúde do Trabalhador (Cerest) estão unidas numa luta obstinada: vigiar para que os trabalhadores não adoeçam ou morram no trabalho; e vigiar para que o trabalho seja fonte de dignidade, alegria e saúde.

Para isso, essas mesmas mãos unificam esforços em distintos campos de pesquisas, seminários, oficinas pedagógicas e ações sanitárias em saúde do trabalhador.

Quando mãos de lutas se tocam, emergem gestos de força e coragem que enfrentam tanto os opressores dos trabalhadores quanto o mutismo diante do

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

sofrimento no trabalho. Ao fazerem isso, amparam os esfarrapados dos campos e das cidades, os sem-terra, sem moradia, sem comida e expostos aos ermos do abandono e da solidão. Demonstram que a saúde dos trabalhadores, o trabalho decente e a *boa vida* requerem moradia, água potável, alimento saudável, educação, saneamento básico, segurança e ócio para o lazer.

Por isso, são mãos que semeiam solidariedade, semeiam alegria, semeiam resistências, semeiam lutas, semeiam justiça para colherem flores de esperanças no terreno de possibilidades de transformação.

E é por acreditar que as mudanças são possíveis que as mãos de tanta gente se encontram pela defesa da saúde dos trabalhadores em Goiás, encontro esse que já possui uma história frondosa de parcerias institucionais e pedagógicas, como as atividades conjuntas de pesquisa e extensão protagonizadas pelo Grupo Espaço, Sujeito e Existência (Dona Alzira), coordenado pelo amigo e professor Eguimar Chaveiro.

No Grupo Dona Alzira, a reunião de estudantes e pesquisadores erige e aglutina forças solidárias, diversas, leais e engajadas dentro e fora das universidades. Um exemplo disso é a parceria com a Suvisa cuja aproximação arvora aprendizados, publicações, projetos e ações conjuntas na defesa inabalável da saúde dos trabalhadores. Desse diálogo, muitos passos foram e estão sendo dados para se pensar e agir

na salvaguarda do direito ao trabalho digno, livre de riscos que ferem e mutilam a saúde dos sujeitos.

Essa trajetória soma mãos que compõem forças pelo propósito comum de lutar contra qualquer tipo de aviltamento dos trabalhadores, de lutar para que no caminhar da vida os trabalhadores possam bailar sob o sol do respeito e da justiça.

Destacam-se também as mãos de amizade e de saberes compartilhados com o Fórum Intersindical Saúde-Trabalho-Direito, abrigado no Departamento de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural (DIHS), da Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz)/RJ. Neste Fórum, sindicalistas de diversos setores produtivos, ativistas de direitos humanos e ambientais, professores, psicólogos e estudantes formam um grande círculo em comunhão e irmandade com todos os trabalhadores.

Outras mãos de conhecimentos, pesquisas e intervenções se estendem ao toque e reforço das nossas em Goiás, como a de pesquisadores do Grupo de Pesquisa e Extensão Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS). Desse encontro, fortaleceu-se a atenção para um território específico de riscos e adoecimentos de trabalhadores: o da extração e transformação mineral.

Goiás é um dos principais territórios minerados no Brasil, com minas a céu aberto e subterrâneas

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

operadas por centenas de trabalhadores. No fundo de minas de ouro, cobre, níquel, fosfato, nióbio, rochas ornamentais e calcário agrícola, homens e mulheres estão expostos cotidianamente a barulho e trepidação de máquinas, explosivos usados no desmonte de rochas, poeira e calor. Isso faz dos territórios de extração mineral ambientes de deterioração do trabalho, de fraturas de ecossistemas, de paisagens e dos corpos que laboram.

Logo, esses ambientes exigem atenção efetiva, eficaz e duradoura das ações de vigilância em saúde do trabalho. E é isso que a Suvisa vem propondo ao abrir-se às parcerias com as universidades, consolidar projetos de pesquisas e planos de ações para intervir nos territórios extrativos da mineração em Goiás, protegendo o trabalhador e defendendo sua saúde e integridade no trabalho.

As sementes lançadas por essas mãos já nascem em terra fértil. Um exemplo inclui a parceria e a atuação no campo institucional, como a criação do Grupo de Trabalho (GT) “para formulação e coordenação da execução de ações de vigilância em saúde para o trabalhador da cadeia produtiva do setor de mineração no Estado de Goiás” (Goiás, 2019).

Esse GT foi proposto no I Seminário do PoEMAS em Goiás, em agosto de 2019, e instituído pela Portaria 159/2019, da SES de 25/09/2019. Reúne

Ricardo Assis Gonçalves

representantes de várias entidades, entre elas: Suvisa, Superintendência de Atenção Integral à Saúde, Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Estadual de Goiás (UEG), Federação dos Trabalhadores da Indústria de GO-TO-DF (Fitieg), Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM) e Projeto Brasil Popular GO/DF.

Em 24 de setembro de 2020, a Superintendência de Vigilância em Saúde e a Gerência de Vigilância Ambiental e Saúde do Trabalhador realizaram a instalação do grupo técnico de vigilância em saúde dos trabalhadores da rede extrativa mineral de Goiás.

Trata-se de um gesto que ocorre numa conjuntura que também pede a unidade dos sujeitos e das organizações de lutas contra o aumento das escalas da pobreza e da fome, da concentração de poder das corporações nacionais e estrangeiras, do desemprego estrutural, da desigualdade, do adoecimento e da morte de milhares de brasileiros.

Finalmente, para proteger os trabalhadores, a instalação do Grupo Técnico em Goiás é uma conquista que merece comemoração e a partir da qual espera-se que a caminhada, com mãos solidárias, continue assim como nos ensinou Carlos Drummond de Andrade: “Não nos afastemos tanto, vamos de mãos dadas”.

Setembro, 2020

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?



MINERAÇÃO, SAÚDE DO TRABALHADOR E LITERATURA

Parece inusitada a ligação entre literatura e saúde, ou a núpcia entre palavras e células. Insólito também parece se exilar da interpretação do ser humano dois componentes essenciais: a palavra e a saúde.

Pode a palavra errônea, repetitiva, chata, fascista, autoritária gerar doenças? Pode o ser humano saudável fazer poesia, compor letras musicais, declarar amor à amada sem nenhum freio de poder?

Estamos certos de que a literatura é a arte da palavra. Estamos certos também de que a saúde é a arte da democracia. Literatura e saúde se implicam e se imbricam em vários aspectos.

O livro *Germinal*, de Émile Zola (1840-1902), publicado pela primeira vez em 1885, tão apreciado como um clássico por aqueles que militam no campo da luta pelos direitos humanos e pela justiça social,

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

expressa e exemplifica a conexão (aparentemente, inusitada) entre literatura e saúde do trabalhador.

Vejam os a seguinte citação do referido romance:

No veio, o trabalho dos britadores tinha recomeçado. Muitas vezes eles apressavam o almoço para não perderem o calor do corpo; e seus sanduíches, comidos numa voracidade muda e naquela profundidade, transformavam-se em chumbo no estômago. Deitados de lado, golpeavam mais fortes, com a ideia fixa de completar um número elevado de vagonetes. Tudo desaparecia nessa fúria de ganho tão duramente disputado, nem mesmo sentiam mais a água que escorria e lhes inchava os membros, as câmbrias resultantes das posições forçadas, as trevas sufocantes onde eles descoravam como plantas encerradas em adegas. E, à medida que o dia avançava, o ar ficava cada vez mais envenenado, aquecia-se com a fumaça das lâmpadas, com a pestilência dos hálitos, com a asfixia do grisu, que pousava nos olhos como teias de aranha e somente o vento da noite varreria. Mas eles, no fundo dos seus buracos de toupeira, suportando o peso da terra, sem ar nos peitos escaldantes, continuavam a cavar (Zola, 2006, p. 138).

O trecho acima demonstra que a prosa naturalista de Émile Zola apreendeu o ambiente insalubre

Ricardo Assis Gonçalves

e degradante da força de trabalho mobilizada para a extração de carvão mineral na França do século XIX. Sua narrativa ficcional expõe a situação degradante do ambiente, das paisagens e do trabalho implicados na atividade mineira no território francês.

Logo, o autor vasculhou o chão cotidiano dos trabalhadores mineiros que extraíam a importante matéria mineral que movia a maquinaria industrial francesa naquela época.

Para escrever *Germinal*, Zola chegou a trabalhar extraindo carvão nas minas subterrâneas. Conviveu com os operários da mineração nas minas e nos bairros onde viviam; conheceu e dormiu nas moradias precárias; empurrou os vagonetes carregados de minério; viu homens e mulheres morrerem soterrados ou por doenças pulmonares após anos de exposição à poeira do carvão; sentiu nos poros o calor e a umidade nos socavões da terra; observou a exploração dos trabalhadores, homens, mulheres, velhos e crianças sufocados pelo peso da terra, como seres engolidos pela boca do inferno; e acompanhou a organização política e as greves dos trabalhadores.

Com efeito, ao testemunhar a precariedade das moradias operárias, os baixos salários, a fome, os acidentes nas minas e o trabalho infame de mulheres, jovens e crianças, a experiência e a sensibilidade de Zola foram avultadas. O romancista não eximiu a

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

literatura dos problemas de sua época, meados do século XIX, procedendo de modo semelhante ao que fizeram Karl Marx e Friedrich Engels por intermédio da prosa ensaística. Todos se detiveram às contradições do capitalismo para revelá-las, bem como formar a consciência dos trabalhadores contra a opressão e o trabalho sacrificado a serviço da acumulação burguesa.

Desse modo, o livro *Germinal*, que é muito conhecido na literatura universal, apesar de constituir-se em uma obra escrita em tempos e espaços da Revolução Industrial, possibilita reflexões críticas sobre os processos de exploração do trabalho e da saúde do trabalhador na extração de minérios. Assim, permite pensar sobre componentes contemporâneos como a relação capital-trabalho, a expansão do capital e a dependência de recursos naturais, a deterioração da saúde dos trabalhadores mineiros e a fratura territorial pelos empreendimentos mineradores.

O modelo de extração mineral atual, a despeito das técnicas e tecnologias modernas de exploração, beneficiamento, transporte e consumo de minérios, não eliminou a degradação da saúde e a morte de trabalhadores.

Mantêm-se as expropriações compulsórias de comunidades e as implicações ambientais que pilham vidas e ecossistemas. Os estratos geofísicos, biológicos e culturais básicos de territórios são devassados

Ricardo Assis Gonçalves

pelos regimes extrativistas, especialmente nas periferias do capitalismo.

Trabalhadores continuam adoecendo e morrendo nos veios de extração mineral, como nos exemplos dos desastres em Mariana/MG (novembro de 2015) e Brumadinho/MG (janeiro de 2019). Mortes de trabalhadores em mineradoras, como o caso de Carlos M. B., em Crixás (GO), em 2021, persistem sendo anunciadas nos jornais e essas vítimas de um modelo de mineração predatório tornam-se apenas estatísticas.

Sendo assim, as palavras extraídas da importante obra de Émile Zola, que tanto fascinaram e inquietaram o pensamento crítico social, estão vivas e se apresentam como lições, alertas e desafios. Ademais, a narrativa do escritor francês alimenta a interpretação lítero-geográfica da mineração.

Se em *Germinal* a degradação do trabalho, o adoecimento, a humilhação do trabalhador e a narrativa do ambiente de trabalho infame são notas de uma estética combativa, o cenário atual recomenda antes a organização dos trabalhadores, uma interrogação de seus desígnios no mundo do trabalho e sobre as cadeias que lhes oprimem.

Março, 2021

O CERCAMENTO DAS ÁGUAS DO CERRADO

As águas do Cerrado estão feridas. Nascentes, aquíferos, rios, córregos, veredas e bacias hidrográficas estão expostas à voracidade do capital extrativo global. Conseqüentemente, feridas foram abertas e permanecem expostas diante do desmatamento, uso de agrotóxicos, construção de empreendimentos hidroelétricos, abertura de canais de irrigação, barragens de rejeitos, minerodutos e megaminas a céu aberto ou subterrâneas.

Mineração, agronegócio, turismo, hidronegócio energético e indústria farmacológica mapeiam os bens comuns naturais do Cerrado e transformam esse território em fonte de *commodities*. Conforme Chaveiro (2019), isso representa o avanço da “hegemonia predatória” nos territórios do Cerrado. O autor demonstra que há uma economia baseada na agro-minero-exportação que se torna hegemônica.

Portanto, essa hegemonia passa a exercer o domínio econômico predatório desse “sistema biogeográfico” (Barbosa, 2002).

Nos territórios do Cerrado, terra, água e subsolo (minérios) estão em disputa e na centralidade dos conflitos frente às novas fronteiras de cercamento dos bens comuns naturais. Há no Cerrado o que o geógrafo David Harvey (2018) denomina “novos cercamentos”. Isso representa a transformação das dádivas gratuitas da natureza em mercadorias que movimentam o “ecossistema global do capital” (Harvey, 2018).

Desde os anos 1970 vê-se uma escalada de crescimento da economia nos territórios de domínio do Cerrado, fomentando a concentração fundiária, a extinção de espécies, a urbanização, o surgimento de novos milionários e o hidrocídio.

Para o antropólogo e pesquisador Altair Sales Barbosa (2022), a devastação sistemática da vegetação do Cerrado (cujas raízes profundas são fundamentais para o sistema hidrológico do bioma) compromete as águas subterrâneas e promove a amputação de bacias hidrográficas. *“Essa amputação se inicia com a migração das nascentes até o desaparecimento total de muitos cursos d’água. Esse é o início do fim, que se conclui com a morte do rio e de todo o seu entorno, incluindo a destruturação de comunidades humanas, através da desterritorialização”* (Barbosa, 2022, p. 1).

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

Assim, o mesmo processo que transforma o território do Cerrado em território agrário-urbano-exportador favorece as escalas de desmatamento, insere a economia no mercado internacional de *commodities* e fomenta a apropriação de componentes como terra, água e minérios.

A leitura crítica do cercamento das águas requer a compreensão das transformações territoriais. A multiplicação dos usos da água, inclusive virtuais, incide nas nascentes, nos aquíferos, na vazão dos canais e nas bacias hidrográficas. Por conseguinte, pode-se enxergar uma síntese entre o crescimento econômico no território do Cerrado e a dilapidação das águas em várias escalas de intensidade e sob distintos usos. Ou seja, o modelo de desenvolvimento econômico é o modelo de predação, cercamento ou “sequestro das águas” (Moraes, 2022).

Aquilo que seria uma dádiva do Cerrado – as suas bacias, os seus aquíferos e a distribuição territorial dos canais – torna-se fonte de atração e territorialização dos monopólios. A geração de riquezas e a concentração de monopólios demandam o controle e os usos das águas, como é o caso da mineração, cujos processos de extração, processamento e transporte (como por minerodutos) são hidroativos e estimulam conflitos ambientais nas comunidades locais impactadas.

O cercamento das águas é indissociável do cercamento do subsolo do Cerrado. O subsolo nos territórios do Cerrado está em disputa. Essa disputa é expressão do processo de cercamento através dos processos minerários ativos no período entre 2018 e 2021. Neste intervalo foram realizados 12.518 requerimentos e autorizações de pesquisas, e 226 requerimentos e concessões de lavra (ANM, 2022). Com foco nas áreas contínuas do Cerrado, destaca-se a apropriação do subsolo no leste de Mato Grosso; centro, norte e nordeste de Goiás; e sul e leste do Tocantins.

Com relação às águas, a existência de centenas de barragens de rejeitos de mineração intensifica o sacrifício de nascentes, córregos e rios. Além disso, expõe populações locais a situações de “sofrimento ambiental” (Souza, 2019) e “terrorismo de barragens” (Manuelzão, 2019) diante do risco de rompimentos como ocorreram em Mariana (MG) e Brumadinho (MG). São aproximadamente 249 barragens de rejeitos neste bioma-território, o que representa 33% do total desse tipo de estrutura no Brasil (Barcelos, 2021).

O cercamento das águas do Cerrado também ocorre através das outorgas para os distintos tipos de atividades econômicas, especialmente ligadas ao agronegócio, como a irrigação. O número de outorgas emitidas pela Agência Nacional das Águas (ANA) no Cerrado e áreas de transição é de 30.398, sendo

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

67% subterrâneas e 33% superficiais. Apenas a irrigação é responsável por 74% da vazão outorgada (Barcelos, 2021).

À vista disso, constata-se que as águas do Cerrado, assim como as terras e os minérios, transformam esse bioma em território em disputa. Mas povos e comunidades se levantam e constroem distintas formas de resistência contra a predação dos bens naturais e as ameaças à cultura e aos modos de vida locais.

Para os povos do Cerrado, as águas são abundantes para a vida, não para o capital.

Julho, 2022

ÁGUAS DE CRIXÁS

Nas terras de Crixás, município situado na região nordeste de Goiás, antes do século XVIII, os indígenas Kirirás (que, adaptado do tupi, é Crixás) viviam em sintonia com as águas dançantes do rio Vermelho. Nas sombras das matas, entre raízes, pedregulhos e areais, nas curvas, poços e corredeiras, as águas do rio eram também as águas dos povos Kirirás. Os indígenas nasciam e morriam integrados à natureza abundante do Cerrado.

Do formoso flume e das matas extraíam os alimentos de que dependiam para reproduzir a vida gratuita e fecunda. As águas de Crixás eram águas sagradas e dadivosas. No caudal d'água espíritos ancestrais e demais seres anímicos se manifestavam nas enchentes, nos cardumes de peixes e nos poços profundos e turvos. Os povos Kirirás não ousavam ferir o rio. A intervenção humana ocorria na medida das necessidades vitais como saciar a sede, pescar e tomar banho.

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

O mundo dos Kirirás no vasto Cerrado de árvores tortuosas, rios caudalosos, animais rasteiros e voadores foi abalado quando os colonizadores, no início do século XVIII, descobriram ouro de aluvião às margens do rio Vermelho. O brilho do metal não demorou para provocar a sanha garimpeira e a feroz devastação das matas e das águas. O trabalho escravizado foi lançado às frentes extrativas para gerar opulência aos cofres da empresa colonial portuguesa. Nos arredores das lavras, nos vastos sertões constituíam-se os núcleos da vida e do trabalho que cumpriam a ambição do mercado mundial fornecendo ouro extraído de mãos escravizadas.

Os indígenas Kirirás, livres como os sabiás que dançavam no céu azul do Planalto Central, acostumados com as farturas de peixes e frutos, foram caçados, expropriados e exterminados. O extermínio físico e étnico desses povos originários somou-se à ruína ecológica. As águas de Crixás tornaram-se, assim, águas feridas. A fúria mineradora revirou os terrenos cascalhentos, desviou cursos d'água, derrubou e queimou matagais, conspurcou os poços e tornou o rio impróprio aos peixes e aos humanos. A pestilência do rio Vermelho revolvido demonstrava que para os colonizadores as águas não eram sagradas. Da natureza queriam extrair as riquezas minerais que reluziam no mercado capitalista europeu.

Ricardo Assis Gonçalves

O esgotamento do ouro de aluvião modificou a relação e os usos do rio Vermelho em Crixás no decorrer do século XIX. Os mineradores saíram à cata de novos veios de ouro ou diamantes em outros territórios. Nas terras remexidas pela faina mineral a vegetação voltou a vigorar. Os mananciais restituíram a fluidez de águas límpidas e generosas com todas as formas de vida. Todavia, em Crixás, nas terras chamadas Chapéu de Sol, nos terrenos ondulados e revestidos de pedregulhos, nos vales recobertos de gramíneas e árvores, o ouro foi novamente descoberto.

No andar do século XX, à medida que as notícias alastravam, os garimpeiros avançavam abrindo catas e desmoronando barrancos às margens do rio Vermelho. Com bateias nas mãos, mangueiras e jatos de bombeamento mecânico, picaretas e pás, homens e mulheres intrépidos, expostos ao sol inclemente e mergulhados no barro, embriagados pelo sonho de enriquecimento, voltaram a ferir as águas de Crixás. O garimpo revelava o caminho da degradação ambiental e das águas golpeadas pela ambição mineradora.

Com a territorialização de megaempresas de mineração em Crixás, a relação com as águas superficiais e subterrâneas alterou de súbito. Nascentes, lençóis freáticos e córregos foram cercados pelas empresas. O que era comum e gratuito tornou-se privado e mercantilizado. O cercamento das águas é ilustrativo da

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

expansão do capitalismo para transformar bens comuns em mercadorias. De acordo com Harvey (2016, p. 241), “o capital não pode senão privatizar, mercantilizar, monetizar e comercializar todos os aspectos da natureza. Só assim pode absorver cada vez mais a natureza para que se torne uma forma de capital – uma estratégia de acumulação – que chega ao nosso DNA”.

Crixás tornou-se, assim, uma fronteira aberta à mineração em grande escala para extrair ouro nas entranhas do subsolo. Galerias de até mil metros de profundidade foram abertas, maquinários e trabalhadores foram lançados nas profundezas infernais para triturar rochas no percalço do metal raro. Isso resultou na construção de uma paisagem geográfica do capitalismo extrativista mineral, com megabarragens de rejeitos, pilhas de estéril, prédios administrativos, redes de energia elétrica, bairro operário, estradas e plantas industriais.

A extração da riqueza dourada depende do cercamento das águas. Por consequência, o cercamento das águas ocorreu por meio de outorgas; compra de terras com áreas de nascentes, córregos e rios; construção de barragens; perfuração de poços artesianos; armazenamento em caixas d’água e usos de sistemas de bombeamento. Com a mineração surgiram os ciclos hidrossociais, dentro dos quais a água não circula de forma gratuita e para usos da vida comunitária. As

águas foram cercadas para o capital minerador que exporta ouro e com ele as águas virtuais de Crixás.

Em 2022, quase 2700 quilos de ouro extraídos do subsolo de Crixás foram exportados para o Reino Unido e a África do Sul no valor de US\$ 155,6 milhões (MDIC, 2023). A lógica colonial, pela qual as periferias extrativas especializaram-se em exportar bens primários, revela-se permanente. No ouro exportado há o sofrimento dos trabalhadores acidentados, amputados e mortos; as águas, os solos e a biodiversidade arruinados pela mineração. A remoção do ouro subterrâneo só é possível com a extração da vida dos mineiros pobres. O esgotamento das minas exaure na mesma medida a saúde da população.

Essa situação é agravada para as 3.000 pessoas (17,5% da população crixaense) que vivem em condição de pobreza e extrema pobreza no município (Cecad, 2023). A riqueza aurífera produz adoecimento, medo e miséria. Enquanto isso, o valor das operações minerais da empresa Mineração Serra Grande S.A (AngloGold Ashanti) em Crixás no ano 2021 foi de R\$ 887 milhões, quase nove vezes maior do que as receitas orçamentárias do município (que em 2020 foi de R\$ 86,6 milhões) (ANM, 2023; Siconfi, 2021). O poder econômico de uma única empresa revela a estrutura de dependência e subordinação que implica governo, sociedade e o destino dos territórios.

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

O modelo de mineração em Crixás transforma bens naturais e humanos como terra, água e trabalho em fontes de lucro a partir de ritmos de extração predatórios. Diante disso, as águas foram cercadas e continuam feridas frente a eventos contaminantes do rio Vermelho. Em 1990 ocorreu um vazamento de rejeitos químicos da mineração e empestou o rio (Ribeiro, 2018). No início de 2022, a contaminação das águas do rio Vermelho resultou na mortandade de peixes que assombraram a população ribeirinha da cidade e das áreas rurais do município (G1, 2022).

Essa situação toldou a cidade de medo e insegurança. O medo das águas para beber ou cozer os alimentos, o medo de comer os peixes do rio Vermelho, o medo de nadar e brincar nas águas do mesmo rio, o medo de viver a poucos metros de uma barragem de rejeitos e o medo de respirar o ar pulverulento sintetizam uma situação de sofrimento ambiental em Crixás. O sofrimento ambiental ocorre como expressão do sofrimento social da população exposta aos riscos de adoecimento em ambientes degradados e contaminados.

A mineração transformou as águas de Crixás em águas do medo. No antigo território dos Kirirás há feridas abertas que pululam nos rios, no subsolo, nas matas, nos vales e nos corpos dos trabalhadores. Mas nas terras de Crixás também germina a coragem de mulheres e homens que lutam contra o modelo

Ricardo Assis Gonçalves

mineral predatório e defendem o baile das águas dadas e a vida plena de alegria e saúde. Por conseguinte, contra as águas do medo emanarão as águas valentes de Crixás.

Abril, 2023

BARRAGENS DE MEDO

O modelo de mineração brasileiro é mais que a extração de bens minerais em determinado território. Não é apenas um processo físico de intervenção no ambiente para extrair e transformar minérios. Não possui somente uma função econômica em escalas local, regional, nacional e internacional. Não se limita a um poder político atuante nas esferas municipais, estaduais ou federais, que estabelece estratégias com agentes públicos e privados para exercer o controle corporativo de territórios e comunidades.

O modelo de mineração é mais que minas a céu aberto ou subterrâneas, exploradas com equipamentos de alta tecnologia, submetidas à ação de explosivos, circulação de caminhões fora-de-estrada, perfuratrizes e escavadeiras, com intenso consumo de combustível e energia. Ele não se reduz a uma rede extrativa com estruturas de pilhas de estéril, barragens de rejeitos, minerodutos,

portos, ferrovias e estradas que constitui um complexo territorial conectado com as economias globais.

A mineração se transformou em um problema ambiental, político, econômico e social no Brasil. Essa constatação foi elaborada a partir da resistência construída por movimentos populares e a formulação crítica de pesquisadores engajados. Nesse sentido, tornou-se possível argumentar que o modelo mineral é predatório, pois arruína ecossistemas, adoce e mata trabalhadores, contamina solos e águas, esgota jazidas em ritmo intenso, é servicial às economias ricas do norte desenvolvido enquanto promove dependências locais nas periferias extrativas.

De toda forma, defende-se que o modelo de mineração brasileiro é mais que isso, é uma economia de terror. Tal constatação não exclui as demais características. Mas além de elementos técnicos, tecnológicos e operacionais, o modelo mineral promove medo, pânico e sofrimento humano e de demais vidas nos territórios minerados ou impactados pelas redes extrativas. Essa economia de terror ganhou proporções dramáticas nos últimos anos diante dos desastres ocasionados pelos rompimentos das barragens de rejeitos de minério de ferro em Mariana (MG) e Brumadinho (MG).

A morte e o adoecimento de trabalhadores e da população implicada nesses desastres escancararam a

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

face do terror do modelo de mineração. Percebeu-se que as barragens de rejeitos são estruturas de contenção que interferem nas paisagens, no lençol freático e na sociobiodiversidade; e, por mais que haja aplicação de tecnologias e sistemas de engenharia que medem e monitoram, elas representam ameaças constantes. Os conhecimentos em termos de tecnologia e engenharia da mineração reproduzem uma *tecnoutopia* velada nos discursos de “segurança de barragens”; de monitoramento e confiança nos saberes e práticas técnico-industriais como salvaguardas das estruturas construídas por esse setor econômico.

Os engenheiros, técnicos, geólogos e gestores de mineradoras afirmam que as barragens são seguras. Seus argumentos demonstram que confiam nos modelos matemáticos da ciência mecanicista. Todavia, após os casos de Mariana e Brumadinho, o medo, o sofrimento e o terror foram semeados em contrapondo ao discurso técnico-científico, visto que não há equação capaz de medir esses dramas humanos. A tragédia emergiu como realidade cotidiana em comunidades, bairros e territórios ameaçados pelas barragens de rejeitos. Surgiu, então, uma um trágico quadro de “terrorismo de barragens” (Manuelzão, 2019), que espalha o medo e faz uso dele para estimular o avanço de estratégias de despossessão e pilhagem. O terror se tornou um dispositivo que expulsa populações de seus lugares de existência e trabalho.

Essa situação não ocorre apenas em Minas Gerais. Em Goiás há um exemplo emblemático de “terrorismo de barragens” na cidade de Crixás, localizada na Região Norte Goiano. A megamineração subterrânea de ouro nesse município é controlada pela empresa sul-africana AngloGold Ashanti, sediada em Joanesburgo e com operações em oito países. É essa empresa a responsável pela Barragem Mina Serra Grande (BMSG), construída a partir do método de alteamento a montante e com início das operações em 1989 (ANM, 2023). Em um reservatório com altura de 92 metros e volume de 17 milhões de m³ de rejeitos, além de produtos químicos como cianeto de sódio, ácido clorídrico e soda cáustica, existem substâncias como arsênio, chumbo e ferro (ANM, 2023).

Conforme informações da ANM (2023), “existem pessoas ocupando permanentemente a área afetada a jusante da barragem”; e, em caso de rompimento, o número de seres humanos que podem ser afetadas chega a cinco mil. São crianças, velhos, jovens e trabalhadores que vivem expostos ao medo e à incerteza. Isso levou o Ministério Público de Goiás (MP-GO) a considerar o território a jusante da barragem de rejeitos em Crixás como “zona de morte”. Um trocadilho emblemático com o termo técnico “Zona de Altossalvamento (ZAS)”.

Ademais, destacam-se ameaças de implicações ambiental e socioeconômica devido à existência de

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

estruturas que possuem valor econômico, simbólico e identitário, reveladoras da relação dos sujeitos com os espaços da casa e do quintal, do trabalho, das festas, dos encontros comunitários e do pertencimento territorial. Isso ocorre em razão da “alta concentração de instalações residenciais, agrícolas, industriais ou de infraestrutura de relevância socioeconômico-cultural na área afetada a jusante da barragem” (ANM, 2023).

Por consequência, observa-se que viver a jusante da BMSG em Crixás é existir em situação de temor permanente. A população urbana de bairros situados na “zona de morte” lida com os dias e as noites como fossem repetidos tempos de pesadelos. Dormem inseguros, numa espera incerta de que em algum momento os alarmes da empresa poderão apitar para que abandonem tudo e corram apavorados para os pontos indicados por placas que sinalizam as “rotas de fuga”.

E isso realmente ocorreu no dia 11 de julho de 2023. O estardalhaço provocado pelo “alarme falso” da mineradora AngloGold Ashanti demonstrou o desespero da população local exposta à economia de terror territorializada em Crixás. Moradores relataram que “não sabiam para onde ir”; “abandonaram casas, animais domésticos, afazeres e bens para se salvarem da morte”; “pessoas passaram mal e ficaram traumatizadas”; “houve acidentes na rua em meio ao alarde e correria de pessoas, carros e motos”. O alarme da

empresa trovejou nas ruas da cidade como se fossem as trombetas do apocalipse e disseminou o medo em um território fraturado pela megamineração.

Em Crixás, a população vive à espreita desse apito que não se sabe de onde vem e a que horas chega: no momento em que está dormindo; no caminho da escola ou da creche das crianças; no leito do hospital ou na mesa do bar. A sonoridade desse apito pode restrugir dentro de uma expectativa de ameaça. As pessoas moram toldadas por um iminente perigo. Tal fato transforma a vida em Crixás em uma prisão, pois, para Rubem Alves, uma das grandes características do medo é aprisionar o pensamento, a criatividade e a vida.

A realidade cotidiana de morar a jusante de uma barragem de rejeitos agrava a vulnerabilidade de uma população empobrecida, pois sabe que não tem alternativa de mudar para locais onde seria possível viver segura, distante da “zona de morte”. Esse quadro ainda expõe a injustiça ambiental nos territórios minerados. Os homens e mulheres que residem em bairros localizados em áreas de risco fazem parte da classe trabalhadora historicamente espoliada. O sofrimento ambiental físico e psíquico provocado pela economia de terror que caracteriza o modelo de mineração em grande escala adocece trabalhadores e populações já fragilidades pela pobreza.

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

Por isso, barragens de rejeitos são barragens de medo. Há barragens de medo onde o desastre está à espreita; onde as trombetas do inferno podem badalar a qualquer momento; onde os acidentes e a morte de trabalhadores ocorrem a céu aberto ou nos túneis sombrios das minas subterrâneas; onde as pessoas sentem no corpo o avanço das atividades extrativas que removem o minério na mesma medida em que ferem a saúde da população local.

Contudo, contra as barragens de medo, a luta dos trabalhadores deve ser organizada para enfrentar a economia de terror do modelo de mineração. Isso para que o medo seja banido e no seu lugar nasçam a coragem, a imaginação e a resistência de homens e mulheres combatentes; para que o trabalho se torne o espaço da boa vida plena de dignidade.

Finalmente, as lutas são necessárias para que as barragens de medo deem lugar aos rios de alegria que inundarão ruas, bares, praças, casas, escolas e sindicatos. Onde existiam barragens de medo fluirão correntezas regozijadas pela valentia dos trabalhadores.

Agosto, 2023



MINAS DE VERSOS, CAVAS NA TERRA

*Com a chave na mão / quer abrir a porta,
não existe porta; / quer morrer no mar,
mas o mar secou; / quer ir para Minas,
Minas não há mais. / José, e agora?*

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Os versos do poema *José*, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), metaforizam a caminhada solitária em um mundo desmoronado. A casa, a cidade e o território já não existem mais, pois foram transformados pela matéria do tempo.

Há a impossibilidade de refúgio no passado ou de retorno para o local de origem, berço umbilical da infância. Ademais, a indagação “E agora, José?”, imiscuída no texto poético, permite refletir a busca infatigável por um novo caminho, um sentido possível para uma existência fraturada.

Ricardo Assis Gonçalves

Drummond universalizou o referido poema para além das determinações do tempo e do espaço em que foi escrito e publicado, pela primeira vez, em 1942. José, um nome comum na língua portuguesa, expressa os dramas, lutas e sonhos de mulheres e homens golpeados pelas mazelas da desigualdade, pobreza e solidão.

Sujeitos insuflados no medo e no flagelo de ditaduras, guerras e ódio. Contudo, mulheres e homens que também fazem versos, amam, organizam-se em coletivos de resistências e protestos por um mundo cujo império seja o da justiça e dignidade.

Posto isso, chama-se a atenção para os versos: “quer ir para Minas / Minas não há mais”. A referência a Minas Gerais na obra de Drummond é constante e, ao proceder assim, o poeta vasculhou as memórias, as paisagens e os lugares de sua própria terra.

Drummond nasceu em 1902 em Itabira, um município mineiro embutido entre as serras do Quadrilátero Ferrífero e confrontado com a mineração de ferro a céu aberto desde o início do século XX. Território triturado a partir de 1942 pela Companhia Vale do Rio Doce, antiga empresa estatal privatizada em 1997 e denominada Vale desde 2007.

Em pouco mais de três anos, dois desastres ambientais evidenciaram as implicações corrosivas da mineração a céu aberto em Minas Gerais e demais regiões mineradas no Brasil.

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

Os rompimentos da barragem de Fundão (estrutura de rejeitos de minério de ferro da Samarco/Vale/BHP Billiton) no dia 5 de novembro de 2015, em Mariana (MG), e da Barragem I (estrutura de rejeitos de minério de ferro da Vale) no dia 5 de janeiro de 2019, em Brumadinho (MG), sublinharam os riscos de uma atividade ainda pouco conhecida pela sociedade brasileira.

Trata-se de uma atividade extrativa em grande escala em um país que, paradoxalmente, não se considera minerado, como se a mineração em seus territórios fosse coisa do passado, de um ciclo esgotado no século XIX.

Desse modo, retoma-se a pergunta: “E agora, José?” – repetida várias vezes no poema José –, visto que ela toca a existência de centenas de trabalhadoras e trabalhadores que testemunharam o peso da lama de rejeitos de minério de ferro que continua entulhada na bacia do rio Doce e do rio Paraopeba.

José sintetiza as trajetórias de sujeitos que presenciaram a exaustão de fontes de renda e a destruição de moradias, perderam o emprego, assistiram à morte de familiares e amigos, e ainda enfrentam a incerteza de um futuro cindido por toneladas de rejeitos.

Conquanto, são pessoas que também podem encontrar o prumo da solidariedade entre si, irmanar braços e forças na luta popular contra um modelo de mineração predatório e “necroeconômico”.

Ricardo Assis Gonçalves

Afinal, mesmo no fim da festa e na noite fria, com luz apagada, sem discurso, sem carinho, sem beber ou fumar, o José do poeta ensina que ainda é possível fazer versos, amar, caminhar e protestar.

Carlos Drummond de Andrade – a pessoa física – saía ainda jovem de Minas rumo ao Rio de Janeiro. Já Drummond – a figura literária – embora radicado no Rio de Janeiro, nunca saía de Minas. Os assombros do trem carregado de ferro, as montanhas pulverizadas, os trabalhadores expostos ao sol, a evasão de minério de “sua Itabira” e de “sua Minas” para o mundo rico acompanharam sua memória, seu modo de ver o mundo e, especialmente, urdir sua literatura.

Em suma, o poeta mineiro se tornou também um poeta das minas, aspecto sublinhado em poemas como “A montanha pulverizada”, “Os bens e o sangue”, “Canto mineral”, “O maior trem do mundo” e “Lira itabirana”. O seu tom crítico e sensível, ora nostálgico, ora rebelde, faz de sua poética de lavra mineira um conteúdo de leitura deste importante campo econômico, a mineração, que, na história do Brasil, logrou-se como uma estratégia de pilhagem territorial¹ e efetivou esse país fraturado.

1 A noção de “pilhagem territorial” é de autoria do geógrafo Guilherme Marini Perpetua (2016) e desvela os processos de apropriação de bens comuns por grandes projetos extrativistas e produção de commodities. Resulta disso intensa degradação dos territórios e da saúde dos trabalhadores.

O TREM ESTREMECIDO DE DRUMMOND

*O maior trem do mundo
Leva minha terra
Para a Alemanha
Leva minha terra
Para o Canadá
Leva minha terra
Para o Japão*

*O maior trem do mundo
Puxado por cinco locomotivas a óleo diesel
Engatadas geminadas desembestadas
Leva meu tempo, minha infância, minha vida
Triturada em 163 vagões de minério e destruição.
O maior trem do mundo
Transporta a coisa mínima do mundo
Meu coração itabirano*

*Lá vai o trem maior do mundo
Vai serpenteando, vai sumindo
E um dia, eu sei, não voltará
Pois nem terra nem coração existem mais.*

O poema “O maior trem do mundo”, publicado em 1984 por Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), no Jornal *O Cometa Itabirano*, realça as contradições da exploração de minério de ferro em Itabira (MG). Revela a posição histórica do Brasil na periferia da divisão territorial e internacional do trabalho enquanto exportador de produtos primários para o mundo rico.

Ao ler o poema, o conteúdo crítico soma-se ao ritmo dos versos, como o assombro do próprio trem ao apitar entre as serras mineiras. Drummond apreendeu essas questões a partir do que enxergou em Itabira, onde as jazidas do minério motivaram a criação da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), em 1942, no Governo Vargas, com o objetivo de extraí-las e exportá-las para suprir a indústria de guerra dos Aliados na Segunda Guerra Mundial.

Consequentemente, a CVRD foi criada como empresa estatal para prover o mercado internacional com o minério brasileiro. Nos anos 1990, a agenda neoliberal incentivou a política de privatização de empresas estatais. Com efeito, em 1997, no governo Fernando Henrique Cardoso, a CVRD foi privatizada.

Em 2007, o seu nome foi alterado para apenas Vale e, no mesmo ano, com 131 mil empregados (44% terceirizados), escritórios e *joint ventures* em cerca de 30 países, alcançou a posição de quarta maior empresa mineradora do mundo em valor (Milanez *et al.*, 2018).

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

No decorrer dos anos, a Vale contribuiu para a transformação do Brasil em importante *player* do mercado global de ferro, consolidando-se como o segundo maior exportador desse minério no mundo, atrás apenas da Austrália (Milanez *et al.*, 2018). Em 2018, as exportações do minério somaram 394,2 milhões de toneladas, um crescimento de 25,4% se comparadas ao ano de 2017 (MDIC, 2019).

Diante disso, podemos retomar o conteúdo crítico ilustrado nos seguintes versos:

O maior trem do mundo
Leva minha terra
Para a Alemanha
Leva minha terra
Para o Canadá
Leva minha terra
Para o Japão.

A extração do minério do subsolo e separado do material estéril e rejeitos provoca a exaustão de paisagens. Isso promove a conversão de recursos territoriais em *commodities* e lembra a pergunta de Eduardo Galeano (1979, p. 14): “Exportamos produtos ou exportamos solos e subsolos?”.

Na segunda estrofe, os versos de Drummond sublinham a pilhagem de territórios urdidos por relações de pertencimento e memória afetiva, simbólica e cultural:

Ricardo Assis Gonçalves

O maior trem do mundo
Puxado por cinco
locomotivas a óleo diesel
Engatadas geminadas desembestadas
Leva meu tempo, minha infância
minha vida
Triturada em 163 vagões de minério e destruição
O maior trem do mundo
Transporta a coisa mínima do mundo
Meu coração itabirano.

São versos que evidenciam o atropelo das paisagens e territórios da Itabira drummondiana pela mineração a céu aberto, triturando solo e subsolo de serras na cidade do poeta, como o Pico do Cauê, formação rochosa de elevado teor de ferro que, no decorrer dos anos, foi pulverizada e carregada por “vagões de minério e destruição”.

A última estrofe, por sua vez, sintetiza os efeitos do modelo de mineração depredador e insustentável:

Lá vai o trem maior do mundo
Vai serpenteando, vai sumindo
E um dia, eu sei, não voltará
Pois nem terra nem coração existem mais.

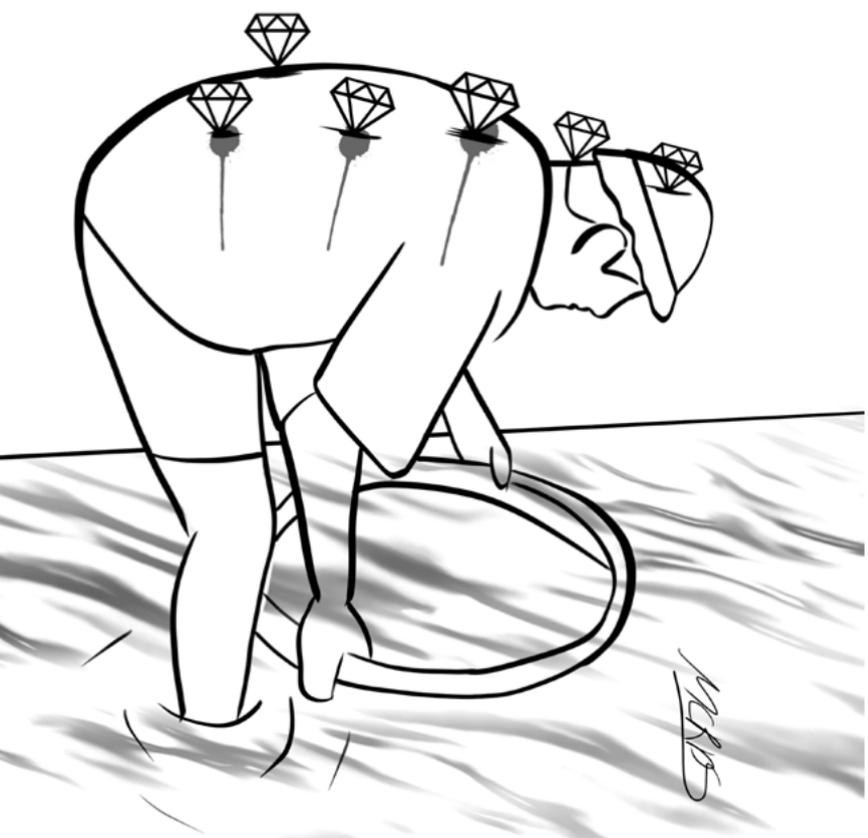
ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

O esgotamento dos minérios, da água, das paisagens, dos ecossistemas e dos trabalhadores sintetiza o que Gudynas (2015) denomina de “amputação ecológica” e Harvey (2018) chama de “degradação cancerosa da natureza”.

O maior trem do mundo é peça simbólica tanto da imponência econômica dos minérios extraídos do subsolo brasileiro, exportados para diversas partes do mundo, quanto das abruptas transformações das paisagens e dos territórios, com consequências deletérias à sociedade e à natureza.

Em suma, como se carregasse uma bacia simbólica nas mãos, Drummond revolve as palavras dos dicionários para transformá-las em versos de rara poesia. Igualmente, utilizou dessa sabedoria para palmilhar as contradições do mundo e, especialmente, da “economia de saque ambiental” (Wisnik, 2018, p. 228), representada pelo modelo de mineração territorializado em sua cidade natal, Itabira, e demais municípios mineiros e brasileiros.

Julho, 2019



GARIMPOS DE SONHOS E OPRESSÃO

Nas duas últimas semanas do mês de dezembro de 2019, viajei para Coromandel, interior de Minas Gerais. Após um ano intenso de trabalho, a viagem teve o propósito de descanso e visita à minha família.

Nos primeiros dias, não fiz leituras, não abri o computador, não vi programas de televisão e evitei o celular. Dediquei o tempo às caminhadas aos finais de tarde, visitas aos amigos de infância e longas conversas com trabalhadores locais. Entre eles, velhos garimpeiros, sujeitos de densas trajetórias sociais.

Assim, atento a histórias, causos, narrativas populares e invenções regionais, tive a sensação de proximidade com os trabalhadores. Logo, a afinidade e o diálogo com esses sujeitos possibilitaram vasculhar a minha história, especialmente a minha infância em Coromandel.

Uma infância rodeada por um mundo de enredos mágicos, como os causos contados por meu avô.

Ricardo Assis Gonçalves

Causos como o de um garimpeiro que, após pegar um diamante, ficou enfermo e acamado pelo resto da vida. Dizia-se que diamante tem o dono certo e, caso seja extraviado deste, torna-se uma pedra enfeitiçada.

Filho de trabalhadores e eu mesmo trabalhador, cresci, estudei e me formei consciente da origem de classe, o que representa uma influência acentuada nas minhas opções de leituras, estilo da escrita, posicionamento teórico e político. Também aprendi a garimpar ideias e a procurar diamantes no dilatado palavrear de garimpeiros. Heranças da convivência com esses sujeitos, exímios representantes da tradição oral mineira.

— § —

Levei na minha bagagem de férias, em Coromandel, o livro *Confesso que vivi*, de Pablo Neruda (1904-1973). A escrita em prosa narra a militância, desenvolve críticas às guerras e aos governos ditadores e fascistas, bem como revela a paixão por seu país e pela América Latina.

O poeta chileno demarca e resalta a solidariedade com os operários das minas de cobre e salitre, camponeses e indígenas do Chile. Essa solidariedade constituiu a jazida sensível e crítica de sua poesia.

A vida e a obra do poeta traduziram vozes e os gritos por liberdade e dignidade onde quer que existam exploração, opressão e injustiça.

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

Contudo, folhiei *Confesso que vivi* para a releitura de trechos grifados – o que faço com frequência – depois de mais de uma semana de distanciamento dos livros. Ao fazer isso, deparei-me outra vez com o poema *Os comunistas* e proclamei as palavras convictas do poeta:

| Há gente que acredita numa mudança, que praticou a mudança, que fez triunfar a mudança, que fez florescer a mudança... Caramba!... A primavera é inexorável! (Neruda, 1979, p. 333).

Sim, virá a primavera, colheremos flores nas praças e caminharemos todos na estação da paz e da solidariedade. Noutra página, li também que “o escritor maduro não fará nada sem o sabor do convívio humano” (Neruda, 1979, p. 92).

De fato, a palavra pode vasculhar realidades sociais concretas. A escrita pode contar com a rica experiência do convívio humano. E, no texto, podem-se habitar mundos inteiros. Com efeito, o poeta, o historiador, o geógrafo ou qualquer profissional que trabalha com a palavra escrita, em seu ofício, explora os sedimentos da existência social, pois sabe que a vida hospeda sempre a matéria-prima para narrativas.

A consciência disso, da vida como fonte de narração, autoriza-me a retomar com regularidade a minha

Ricardo Assis Gonçalves

história. E, na minha história, orbitam outras histórias, como as dos garimpeiros de Coromandel. Sei que elas não cabem dentro de qualquer léxico. Contudo, apesar de singulares, o exercício de recontá-las é também uma forma de sublinhar aquilo que é universal, como os sonhos, os desejos e os dramas humanos, assim como as opressões e as injustiças contra os trabalhadores.

— § —

A atividade garimpeira de diamantes é praticada em Coromandel há mais de dois séculos. A garimpagem permeia a história e a geografia do município, com a existência de córregos afamados pelos diamantes extraídos em seus leitos e margens. Para uns, apenas um jogo de sorte, uma aposta em loteria; para outros, possibilidade de enriquecimento, resultante do trabalho continuado e persistente.

No auge do garimpo em Coromandel, nos anos 1980, diz-se que poucos eram os sujeitos que resistiam à convocação esperançosa ou infortunada da atividade. Nos garimpos, os diamantes, imiscuídos no chão cascalhento e inóspito, despertavam a fantasia e a loucura dos garimpeiros.

Nos sedimentos milenares depositados nos vales dos córregos e rios, centenas de garimpeiros foram engolidos pela faina intrépida da extração de diamantes. Poucos se enricaram e muitos continuam empobrecidos.

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

São os “pobres garimpeiros de riqueza”, como disse o geógrafo José Sousa (2012). Os diamantes extraídos pelas mãos calejadas e feridas dos trabalhadores foram parar em outras mãos e transformados em objetos de cobiça e ostentação de poder nos países ricos.

Contudo, o fato é que, em “terra de diamantes”, a mania do garimpo está impregnada no imaginário popular. Munidos de esperança fatalista e de fé profana e sacra misturadas, os garimpeiros reviraram terrenos inteiros em busca da “pedra rara” e de brilho inconfundível, como o das estrelas. Ou então, como nas crenças dos antigos romanos e gregos, das pedras que parecem as lágrimas dos deuses ou os fragmentos luminosos das estrelas que se despencaram do céu.

— § —

Entre os dias das férias em Coromandel, aproveitei para conhecer uma área de garimpo localizada no município. Uma realidade muito distinta dos garimpos e garimpeiros do passado, nos quais o trabalhador extraía, transportava e apurava o cascalho diamantífero de maneira artesanal. Usavam apenas ferramentas rudimentares como pá, picareta, enxadão e peneiras.

No “novo modelo de garimpo”, a abertura e a manutenção do empreendimento contam com capitais de investidores estrangeiros, especialmente empresários, compradores e lapidários de diamantes em Israel.

Ricardo Assis Gonçalves

Um garimpo com megainvestimentos em máquinas de extração, transporte e apuração de cascalho.

Todavia, as relações de trabalho continuam precárias. O trabalhador recebe salário de R\$ 1.000,00 e não tem qualquer tipo de garantia, como carteira assinada. Como acréscimo à sua renda, estabelece-se um contrato verbal segundo o qual tem direito a 2% no dinheiro da venda dos diamantes que forem encontrados. A sua ilusão é pegar um diamante grande e bamburrar com os 2% prometidos.

Na conversa com um desses sujeitos, a convicção é uníssona: “Eu sonhei com a pedra rosa. É um diamante que mudará a vida de todo mundo. Eu vou segurá-la aqui, na palma de minha mão”.

Ao dizer essas palavras e abrir as mãos diante de mim, percebi as marcas do trabalho. E naquelas mãos calejadas, assim como no rosto e na pele marcadas pelo sol, também ficou evidente a classe social. A classe trabalhadora pilhada e explorada, singularizada na realidade do garimpo e universalizada pelo modelo econômico desigual e opressor dos pobres do mundo.

Desse mundo eu vim; nele habito; contra essa estrutura luto, luto com outros, com os iguais.

Janeiro, 2020

PESCADORES DE PALAVRAS, GARIMPEIROS DE MEMÓRIAS

No anedotário popular brasileiro, há dois tipos de mentirosos oficiais: o pescador e o garimpeiro, sujeitos cujas narrativas são fontes alvissareiras da literatura regional. Bernardo Élis (1915-1997), Bariani Ortêncio (1923-2023) e Mário Palmério (1916-1996) são exemplos de escritores que vasculharam a tradição oral dos sertões para compor a matéria de seus contos e romances.

A pescaria está presente no imaginário e no cotidiano da cultura nos sertões goiano e mineiro. Basta o sujeito jogar a isca para os peixes e, dessa prática, passa a contar histórias encantadas. Acrobata da imaginação, o pescador sempre inventa uma forma de dizer que físgou o peixe maior, o mais colorido ou o que deu saltos mortais na margem do rio. Dessa forma, esses enredos fabulosos fazem com que a pescaria seja um evento cultural.

Ricardo Assis Gonçalves

Pescam-se palavras para alimentar a imaginação. O mesmo ocorre com o garimpeiro. Durante parte de minha vida em Minas Gerais, especificamente no município de Coromandel, conheci e ouvi muitas histórias mirabolantes de garimpeiros. Meu avô Divino era um exímio contador de causos e uma espécie de ativista cultural do sertão. A sua memória apanhou, ao longo de décadas, as histórias de garimpeiros de diamantes. E, na minha infância e adolescência, ouvia dele contos que misturavam realidade e invenção. Lembro-me de ele prolongar as narrativas e fantasiar personagens. Ele fazia da vida e do trabalho também uma forma de contar histórias. A minha satisfação em ouvi-lo era um misto de encanto e suspense.

Tudo isso encontrou eco quando, no Mestrado em Geografia, passei a estudar os garimpos de Coromandel. Na pesquisa, ouvi histórias extraordinárias. Algumas, certamente, reais; outras mais que reais, reais ficcionalizadas, reais imaginadas.

Uma dessas histórias reluzentes na região de Coromandel é a de um garimpeiro que, no decorrer de anos a fio, sonhou acordado e dormindo em encontrar um diamante que mudaria sua vida, um “bamburro”.

Essa esperança o fez suportar a dura e difícil lida do garimpo, quer dizer, o sonho de que um dia alimentava a dureza do trabalho no dia seguinte. Assim, os anos se passaram até que deduziu que o diamante

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

sonhado estaria no cascalho do subsolo de sua casa. Derrubou a moradia, cavou o solo, extraiu o cascalho e, ao apurá-lo, deparou-se com a pedra rara.

Em Coromandel, as pessoas costumam caminhar com os olhos tateando o chão cascalhento à procura de diamantes. Conta-se que, certa vez, uma criança, ao brincar no quintal, encontrou uma pedra diferenciada. Talvez por achá-la bonita, levou-a para casa e guardou-a em um buraco da parede sem mostrá-la para ninguém.

Passaram-se os anos e a pedra brilhante restou esquecida. A família vendeu as terras com a sede da propriedade. O novo morador, ao reformar a casa, encontrou na parede de um dos quartos a pedrinha de coloração rosa e brilhante. Era um diamante de raro quilate.

— § —

Quem estuda a obra de Karl Marx (1818-1883), especialmente seu livro *O Capital*, poderá perguntar pelo crivo da economia política: o que há de mistério no diamante ou no ouro? Ou, ainda, o que há no processo concreto do capitalismo em valorizar o diamante ou o ouro sendo que eles – fora as suas características naturais de dureza, coloração, propriedade e beleza – não produzem riqueza?

Inquieto e interrogativo, Marx dissecou o funcionamento do capitalismo, principalmente no que diz

respeito à exploração do trabalho. O trabalho, propriedade e fonte de todas as riquezas, produz o vasilhame, o veículo, a lata, o copo, o livro... Entretanto, o trabalhador não se apodera dessa riqueza.

Por isso, o dinheiro que ninguém come e ninguém bebe não é capaz de saciar a fome de pão. Aquilo que não é riqueza, o dinheiro, se torna o equivalente de toda a riqueza.

— § —

De volta ao anedotário popular, pescadores e garimpeiros transformam atividades reais em matéria cultural, em uma literatura de voz popular. Suas histórias compõem narrativas que palmilham o imaginário social. Ademais, isso demonstra que toda matéria de vida serve para compor narrativas.

Desse modo, é profícuo o esforço para entender isso que se chama de combate de narrativas: narrativas que deslocam o ser humano do seu concreto e o eleva a uma inscrição metafísica; narrativas que vendem esperanças a partir de um deus macroeconômico; narrativas feitas pelos gurus do consumo; narrativas que chegam a defender a tortura, o AI5 e a arma como formas de enfrentar a violência.

Tal como os pescadores e os garimpeiros, os professores e pesquisadores e todos os sujeitos participam do combate de narrativas. Especificamente, no campo

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

de pesquisas e diálogos entre Geografia e Literatura, um conjunto de pesquisadores não se cansa de dizer que a palavra é substância concreta da vida.

Enfim, o modo de dizer é um modo de estabelecer uma lucidez sobre a realidade.

Dezembro, 2019



SONHOS DE PEDRA

Ao chegar ao garimpo pela manhã, o garimpeiro narrou ao companheiro de serviço o sonho da noite anterior. Sonhou com mulheres e crianças desinquietas dentro da cata, nome dado à escavação para extração de cascalho diamantífero. Ainda disse ter visto uma luz pairando sobre o garimpo, a qual desceu iluminando como labareda. Nas noites anteriores, o mesmo garimpeiro afirmou ter sonhado com carneiros dentro da cata e o maior deles, em cima do barranco, observava os demais.

Esses sonhos eram interpretados no garimpo como sinalização de manchas de diamantes. Em um mesmo local, os garimpeiros podiam encontrar muitos diamantes de diferentes tamanhos e qualidades. Por isso, ao sonharem, estariam prestes a vivenciar momentos de sorte grande.

Para os garimpeiros tradicionais de Coromandel, os sonhos não se equivocavam. Cada sonho era

Ricardo Assis Gonçalves

uma indicação positiva. Se o sonho informava bem, a peneira tirava a dúvida e o garimpeiro arriscava-se a bamburrar, ou seja, encontrar o diamante aquilataado. No garimpo, era assim: a vida podia mudar com a virada da peneira. Logo, na virada da peneira, ocorria a virada da vida.

A possibilidade de enriquecimento súbito bafejava no cotidiano desses homens intrépidos. Os garimpeiros trabalhavam com o picuá próximo a eles, porque tê-lo geralmente simbolizava sorte no garimpo. O picuá era o porta-diamantes, uma peça oca feita a partir de um pedaço de bambu, chifre ou cano, com o fundo e a tampa de madeira.

Se o garimpeiro sonhava à noite, madrugava com o picuá em mãos. Conforme o imaginário, pelo tamanho do picuá, identificava se o sujeito encontraria diamante grande ou não, bem como se a sorte no garimpo era positiva ou negativa. Com picuá bem feito e com o orifício largo, o garimpeiro arriscava pegar diamante grande; se pequeno e estreito, garimpava apenas xibiu (diamante pequeno).

Os sonhos davam o ânimo e a esperança cotidianos e, por isso, alimentavam a persistência dos garimpeiros na atividade do garimpo de diamantes de Coromandel.

Cresci imiscuído nesses garimpos e ouvi muitos garimpeiros narrarem os sonhos que moviam seus dias

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

de trabalho. Narravam o caso de um garimpeiro que sonhou com diamante no cascalho debaixo das raízes de uma gameleira, escavou debaixo, tirou o cascalho e lá estava, extraiu a pedra rara.

Outro nunca tinha garimpado, mas sonhou com diamante no cascalho na curva de um rio. Foi lá conferir, revirou o pedregulho extraído e, em poucas peneiradas, o diamante saiu, brilhando bonito no cascalho bruto.

Os garimpeiros atribuíam significados diversos aos seus sonhos que se tornavam matéria de narrações fabulosas e credices sem fim. “Sonho com vaca parida, carneiro, mulher vestida de noiva e criança dentro da cata era sinal de diamante no picuá, podia garimpar sem medo”, relatava um garimpeiro. Para este, ainda existiam os “sonhos da má sorte, os sonhos azarentos” e afirmava:

Se estivesse garimpando e sonhasse com sal, pé de pimenta ou árvore seca perto da cata, aí podia sair fora do serviço porque não tinha diamante. Isso aconteceu muito, eu vi muitos garimpeiros abandonarem montes de cascalho sem apuração, pois sonharam com árvores secas e urubus na cata.

Essas palavras sintetizam o imaginário folclórico que urdia o trabalho tenaz dos garimpeiros enredados entre a realidade grosseira da garimpagem e os delírios.

Ricardo Assis Gonçalves

Para os garimpeiros, a maioria dos sonhos resultava numa indicação positiva, símbolo de esperança ou testemunhos favoráveis ao trabalho de garimpagem. Em terra de garimpo de diamantes, como nos vales de Coromandel, os sonhos tinham uma influência tão expressiva no imaginário popular que até pessoas que nunca garimparam, quando sonhavam com diamantes, costumavam “arriscar a sorte”, lançando-se às margens de córregos e nos solos cascalhentos.

Um garimpeiro contou:

Muitos sonhavam, falavam que sabiam onde estava o lugar diamantino, então iam, marcavam o local e dava certo, tirava o diamante. O sujeito nunca foi garimpeiro, vivia de plantar roça, mais sonhava com um diamante, ia lá e pegava, experimentava a sorte, dependia só de acompanhar o sonho.

Outro garimpeiro que vivia na cidade de Coromandel narrou:

O sonho pra mim era positivo mesmo. Toda vez que eu sonhei com foliões tocando violão e sanfona dentro do meu garimpo eu sempre trazia o diamante, vinha mesmo, pra mim vinha. Sonho com criança era xibiu, era desse jeito, pra mim o sonho era esse. Eu também sonhei uma vez que tinha um animal

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

morto dentro da água, numa lagoa que eu garimpava perto, aí eu fui pra lá lavar um resto de cascalho que tinha. Eu pensei que podia ter um xibiu naquele cascalho, então eu lavei e só tinha um xibiu mesmo, eu peguei e valeu. Sonho de garimpeiro é diamante no picuá.

Para uns, sonho de garimpeiro era apenas ilusão, uma embriaguez sem consumo de bebida alcoólica. Para outros, não tinha erro: se sonhou, o bamburro era certo. Sonho de garimpeiro é diamante no picuá, diziam muitos desses trabalhadores.

Após mais de trinta anos no garimpo, com seus cabelos brancos, as marcas de uma vida de trabalho inclemente eram expressivas na face encarquilhada e no corpo alquebrado de um dos garimpeiros que narraram seus sonhos. Ele dizia já ter pegado muitos diamantes, mas gastou tudo, bebeu muita cachaça, adquiriu “carro zero” e chegou a comprar fazenda.

Todavia, nada lhe restou a não ser o sonho de voltar a bamburrar. Sofria com as dores de coluna, sentia que seu corpo fora explorado nas beiras dos rios cascalhentos onde trabalhara por anos, garimpando diamantes, mas ainda acreditava que, caso voltasse a garimpar, pegaria mais diamantes e ganharia muito dinheiro outra vez.

A persistência desse garimpeiro expressava algo comum entre todos: a possibilidade de enriquecimento,

Ricardo Assis Gonçalves

como se o garimpo fosse uma grande loteria a favor deles. Para os garimpeiros de Coromandel, se estavam no garimpo, poderiam adquirir fortuna imediata.

Diamante tinha seu dia, afirmavam os garimpeiros. Para muitos deles, esse dia não aconteceu, pois os diamantes de Coromandel enriqueceram atravessadores, enriqueceram joalheiros de outros países. Das mãos calejadas dos trabalhadores, as pedras raras foram transformadas em joias e brilharam em outras mãos. Enquanto isso, nas mãos e na pele dos garimpeiros, sobraram as marcas inclementes do trabalho de garimpagem.

O garimpo artesanal faz parte do passado de Coromandel, entretanto ocupa a centralidade na formação territorial do município e mantém vivo o imaginário da população local. Ademais, nos mesmos solos onde foram extraídos os diamantes ainda caminham trabalhadores em situações de extrema pobreza¹. Na terra de diamantes, restaram trabalhadores sem-terra e empobrecidos, pobres garimpeiros de riquezas alheias.

Abril, 2021

1 Em dezembro de 2020, o quantitativo de pessoas em situação de pobreza e extrema pobreza em Coromandel era de 4.341, o equivalente a 15,5% da população municipal (Cecad, 2020).

TRABALHO E PALAVRA

Em 2012 defendi a dissertação de mestrado intitulada “A vida pode mudar com a virada da peneira: (re)organização do território e do trabalho nos garimpos de diamantes de Coromandel (MG)”, reforçada por artigos, capítulos de livros e crônicas publicados posteriormente sobre garimpos e garimpeiros. Nessa pesquisa sistematizei elementos do imaginário e do linguajar que permeavam o mundo fabuloso e inclemente dos garimpos de Coromandel, na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

O garimpo tradicional de extração de diamantes que existia nesse município fez parte de minha infância. Quando criança presenciei o cotidiano dos garimpeiros que povoavam as beiras de córregos e reviravam os vales à procura das *pedras brilhantes*. Alguns deles acharam-nas, como o garimpeiro Tõe Bola; outros tiveram vidas inteiras desvairadas pelos

sonhos. Poucos usufruíram a sorte fantasiada; muitos viveram sem ver o lampejo dos diamantes à luz do sol.

Diante disso, em diversos textos, destaquei que os garimpeiros eram antes sonhadores; e eles sonhavam tão alto que imaginávamos presenciar homens sempre embriagados. A vida desses sujeitos era uma vida concreta-ficcional sucumbida ao feitiço da pedra brilhante; eles próprios misturavam-se aos seus sonhos e às suas ficções.

A esperança de encontrar o diamante de coloração rosa, o mais bonito e valioso, levava os garimpeiros a ficcionar a própria vida. Os garimpeiros caminhavam com os pés e os olhares no chão cascalhento. Mas bastava sonharem com diamante para que nos horizontes dos olhos acendesse a convicção que alimentava as mãos, os músculos e o corpo inteiro para enfiar-se no trabalho.

Além de uma vida imaginosa, sonhadora e, às vezes, de uma esperança vã e fatalista, o garimpeiro criava um linguajar não oficial; não normatizado, gramaticeiro, jurídico ou estatal, mas um linguajar que entremeava a descrição dos seus instrumentos de trabalho, dos seus esforços e dos seus sonhos. Palavras específicas do mundo do garimpo arvoravam a partir de uma rica tradição oral e linguageira cotidiana.

Como diz o linguista Braz José Coelho (2006, p. 22), “uma realidade qualquer é conhecida e

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

compreendida na medida em que há uma linguagem que possibilita pensá-la e dizê-la; essa linguagem é, por sua vez, fruto da atividade coletivamente produzida sobre a realidade em questão”. Assim era nos garimpos de Coromandel. Dessa realidade emergia um linguajar próprio entre os garimpeiros, o que gerava comunicação entre eles e permitia entender melhor os processos de trabalho nos garimpos.

Envoltos na realidade bruta do trabalho de garimpagem, os trabalhadores intrépidos extraíam também saberes na forma de lidar com as ferramentas, identificar os terrenos diamantíferos, cavar o cascalho, separá-lo e apurá-lo à cata dos diamantes. Logo, desse mundo concreto emergia um palavreado próprio. No garimpo as palavras tocavam o rés do chão do trabalho.

Por consequência, a seguir cito algumas das palavras que povoavam a realidade social e o imaginário dos garimpeiros de Coromandel, com seus respectivos significados:

Bamburrar: garimpar diamante e ganhar muito dinheiro ao vendê-lo. O *bamburro* concretizava o sonho do garimpeiro em “pegar diamante”. Por garantir enriquecimento imediato, o *bamburro* justificava uma longa jornada de trabalho e de dificuldades atravessada no garimpo. No entanto, quem bamburrava mesmo eram os compradores de diamantes que exploravam e caloteavam os garimpeiros.

Cata: escavação onde os garimpeiros extraíam o cascalho diamantífero. A *cata* era perfurada artesanalmente, com uso de ferramentas rudimentares como enxada, pá, picareta ou, em alguns casos, com apoio de máquinas como trator. O trabalho de escavação do cascalho nas catas exigia esforços repetitivos no manejo de ferramentas pesadas, exposição ao sol e aos riscos de acidentes como desmoronamento de barrancos. Com efeito, era comum deparar com casos de acidentes ou garimpeiros adoecidos devido à exposição a esses ambientes de trabalho no decorrer de décadas.

Capangueiro: o termo originou-se no século XVIII nas minas diamantíferas de Diamantina (MG). Santos (1978, p. 217) diz que na época, diante do extravio de diamantes, “entre os contrabandistas havia uma classe chamada dos *capangueiros*, ou *pechelingueiros*: era a dos que faziam o comércio de capanga, isto é, os que, com pequenos capitais, compravam aos garimpeiros pedras isoladas ou pequenas partidas para vendê-las aos exportadores”. Em Coromandel, o termo *capangueiro* se aplicava aos compradores de diamantes (da região ou estrangeiros) que, na verdade, eram atravessadores que exploravam os garimpeiros. Pagavam bagatelas por diamantes adquiridos das mãos calejadas de garimpeiros pobres e analfabetos que povoavam os vales cascalhentos do município.

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

Faiscadores ou faisqueiros: termos utilizados para caracterizar os sujeitos que se destinavam, de modo esporádico, às áreas de garimpo para revirar os cascalhos à procura de diamantes. Eram serventes, pedreiros, mecânicos, comerciantes, desempregados, vaqueiros e toda sorte de trabalhadores que em dias de férias, finais de semana ou feriados iam “arriscar a sorte”, como diziam nas beiras de córregos e terrenos cascalhentos. Os *fisqueiros* não eram considerados garimpeiros tradicionais, mas, assim como eles, sonhavam em pegar a *pedra rara e bamburrar*.

Fornecedores: eram as pessoas que “financiavam” o trabalho dos garimpeiros. Os fornecedores, geralmente comerciantes, fazendeiros, médicos e empresários locais, possuíam uma relação contratual, com base na palavra, com os garimpeiros. Conforme o contrato, os fornecedores aprovizionavam os garimpeiros (mão de obra explorada) de alimentação, ferramentas ou um salário mensal para manutenção no garimpo. O resultado do trabalho – o diamante encontrado – era vendido e o valor, dividido de modo igualitário (ou não, a depender do acordo prévio) entre o fornecedor e o garimpeiro.

Garimpeiro cural ou garimpeiro meia cara: termos utilizados para caracterizar os garimpeiros que tinham pouca experiência de trabalho no garimpo. Geralmente iniciantes na lavra e que não sabiam bem apurar o cascalho ou identificar os diamantes.

Ricardo Assis Gonçalves

Mancha: referia-se ao local (*cata*) onde eram encontrados muitos diamantes. Os casos de *manchas de diamantes* encontradas nas catas por garimpeiros eram referenciados como grandes *bamburros* e transformavam-se em fontes de narrativas mirabolantes entre esses trabalhadores.

Monchão: afloramento de cascalho em terrenos sedimentares afastados do leito dos córregos e rios. Em áreas de *monchão* o trabalho de extração do cascalho para apuração exigia menos esforços entre os garimpeiros.

Murraça: material não diamantífero, considerado o *rejeito* da apuração do cascalho.

Pedra rara: o mesmo que diamante.

Queimar a pedra: dizia-se do diamante avaliado e não vendido ao primeiro comprador (*capangueiro*). Esse, em conluio com uma rede de demais *capangueiros*, detalhava as características do diamante e do vendedor para que o preço apresentado, por qualquer um deles, não ultrapassasse o oferecido inicialmente. A cumplicidade entre os *capangueiros* inviabilizava a comercialização justa dos diamantes e explorava ainda mais os garimpeiros.

Vuãozinho ou xibiu: diamante pequeno e de pouco valor.

As palavras citadas explicitam sentidos e características da realidade concreta do trabalho dos

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

garimpeiros de Coromandel. Ademais, revelam elementos reais e fantasiosos do mundo da garimpagem, outrora permeado de sonho, esperança e histórias mirabolantes como a do garimpeiro que morreu ao sofrer uma parada cardíaca devido ao susto e à emoção de encontrar um diamante; morreu com a pedra rosa na mão com punho fechado. Ou a história de outro garimpeiro que pegou a *pedra rara* e a perdeu ao guardá-la no bolso furado.

Essas histórias de quase ser rico ou quase ter realizado o *bamburro* abasteciam esses sujeitos não de dinheiro, mas de narrativas com palavreados que os tornavam sabedores dos vales, serras e solos cascalhentos; guardiões de saberes remotos.

Os diamantes enriqueceram poucos, menos os garimpeiros. Mas as palavras também eram seus diamantes.

Finalmente, apreender as palavras extraídas do mundo do trabalho dos garimpeiros é uma forma de considerar as memórias, as experiências e os saberes dos trabalhadores como fontes de conhecimento. Ouvir o léxico dos trabalhadores, respeitá-los como sujeitos de uma inteligência prática e concreta define um posicionamento político em defesa de seu mundo como portador de dignidade.

Junho, 2021



MRS

SONS DA TERRA

Gerson Coutinho da Silva (1935-1981) – conhecido popularmente como Goiá – foi um prodigioso cantor, compositor e poeta de Coromandel (MG). A vida e a carreira de Goiá compõem uma surpreendente biografia artística entre os compositores brasileiros da música sertaneja.

Com o propósito de se consolidar como artista de sucesso na música sertaneja, no ano de 1953 ele saiu do interior de Minas Gerais e mudou-se para Goiânia (GO). Lá, permaneceu por aproximadamente 2 anos e, no decorrer desse período, fez amizade com artistas locais como Bariani Ortêncio. Ainda, tornou-se um dos pioneiros na gravação de disco de música em Goiás.

Da capital de Goiás foi para São Paulo, também com a intenção de seguir sua carreira artística. Nessa trajetória, destacou-se como compositor e, a despeito de morrer jovem, aos 46 anos de idade, Goiá deixou

Ricardo Assis Gonçalves

escritas letras que ganharam as vozes de muitos artistas de sucesso, como Chitãozinho e Xororó, Milionário e José Rico e Chico Rei e Paraná.

Em Coromandel, é lembrado como um grande artista da terra, autor da letra de música *Saudade de minha terra*¹, composta em parceria com Belmonte, da antiga dupla Belmonte e Amaraí.

As letras de Goiá apreenderam elementos como a oralidade, os saberes e as tradições de seu espaço-tempo. Assimilaram cenas da vida cotidiana e da cultura sertaneja no sertão. Além disso, em sua extensa obra como compositor e poeta, não se afastou de Coromandel, do povo e das paisagens locais como fontes de inspiração do que escreveu e cantou. Em seus versos e músicas, há sons que dizem o espaço coromandelense, os sons da terra.

Em suas letras de músicas², Goiá não olvidou Coromandel como a “terra dos diamantes”. Em entrevistas com pessoas que o conheceram, descobrimos que, quando jovem, o artista chegou a tentar a sorte no garimpo, esperançoso de um dia bamburrar. Nos garimpos, ele observava e conversava com garimpeiros,

1 GOIÁ e BELMONTE. *Saudade de minha terra*. Transcrição de Flores (2004, p. 244).

2 A interpretação das músicas de Goiá centra-se apenas no quesito letra. Sabe-se que os componentes da canção, como arranjo, harmonia, ritmo etc., produzem sentido, mas preferiu-se ater aos aspectos poético, político e lítero-geográfico das letras.

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

compartilhava seus sonhos, saberes, contações de causos, imaginários e esperanças.

Essas experiências avultaram a sua sensibilidade artística e cultivaram sua poesia. “Goiá observava a realidade viva dos garimpos e da cultura local”, disse um morador de Coromandel que conheceu e foi amigo do artista.

Uma das pessoas que entrevistei em Coromandel afirmou que Goiá também costumava frequentar comunidades locais onde existiam garimpos de diamantes. Nelas, participava de festas, folias de reis e cantorias com amigos. Consequentemente, apreendia os imaginários populares e as experiências cotidianas do trabalho de camponeses e garimpeiros. Ademais, fez disso matéria-prima de sua obra. Por exemplo, em *Canção de meu adeus*³, o compositor referiu-se à Comunidade Douradinho como “Douradinho dos diamantes”, devido à fama dos garimpos diamantíferos nessa localidade.

Em *Canção do meu regresso*⁴, Goiá lembrou Coromandel como o fragmento radioso e o diamante mais formoso dos garimpos do Brasil. Na letra, homenageou os habitantes da cidade, exaltando-os em seu preito poético ao referir-se aos garimpeiros.

3 GOIÁ. *Canção de meu adeus*. Transcrição de Flores (2004, p. 77).

4 GOIÁ. *Canção do meu regresso*. Transcrição de Flores (2004, p. 78).

Ricardo Assis Gonçalves

O garimpo como território de devaneios, saberes na lida em solos cascalhentos, imaginários fabulosos, trabalho rude e esperança fatalista foi objeto de narrações literárias. Já nos versos das composições de Goiá, o garimpo é representado como espaço telúrico, lugar de possibilidades de enriquecimento, amizade e solidariedade entre os garimpeiros.

Com efeito, Goiá escreveu a letra da música *Garimpeiro Theodoro*⁵ em homenagem a esse tipo que se tornou personagem da cultura popular de Coromandel, o garimpeiro. Na letra, recorda garimpeiros à procura de diamantes em terrenos cascalhentos:

[...]

Quem não se lembra, lá na terra que adoro,
Os famosos Theodoro, Mariano e Sebastião.
Das grandes turmas, procurando a pedra rara,
Na faísca e grupiara, na virada ou no monção.

Na mesma letra de música, também se referiu aos compradores de diamantes, denominados capangueiros:

[...]

Hoje recordam compradores de diamantes:
Manoel Borges e Luiz Galante,

5 GOIÁ. *Garimpeiro Theodoro*. Transcrição de Flores (2004, p. 142).

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

Personagens tão famosas.

Pedro Honorato, que deixou grande saudade,

Foi também autoridade, nestas pedras preciosas.

Na letra *Tipos populares de minha terra*⁶, Goiás teceu homenagens aos sujeitos que, com suas palavras, ações, anedotas e histórias, tornaram-se figuras lembradas na cultura popular de Coromandel. O garimpeiro, com seus sonhos e caminhar esperançosos, itinerância de um lugar a outro, num e noutro garimpo à cata de diamante, é representado na figura de Moroveu:

[...]

Moroveu, garimpeiro itinerante,

Que sonhava com um diamante, pra ganhar um grande amor.

[...]

Olá, Moroveu, como vai o garimpo, cê já bamburrou?

Ainda não, mas eu vô pegar um diamante e comprar um tomove,

E passar perto da minha namorada e fazê assim, piripipi, poropopó.

Nesse trecho da composição, percebemos o conhecimento do compositor sobre o garimpo e as relações materiais e imateriais que perpassavam essa atividade. Goiás citou termos próprios do linguajar

6 GOIÁ e SELMA A. LOPES. *Tipos populares de minha terra*. Transcrição de Flores (2004, p. 269).

nos garimpos (a exemplo de *bamburrar*), referiu-se à mobilidade espacial dos garimpeiros e apreendeu o imaginário desses sujeitos, como o sonho de enriquecimento para conquistar o amor idealizado.

No garimpo, havia saberes e sociabilidades específicas desse espaço e dos sujeitos praticantes da garimpagem. Por consequência, nas letras de músicas, Goiás absorveu a realidade simbólica e material do sertão, território de experiência social e cultural de distintos sujeitos como camponeses e garimpeiros.

As suas composições também estão contextualizadas em determinados tempos e espaços da formação econômica e social de Coromandel. O compositor construiu narrativas nostálgicas de sua infância no município, daquilo que viveu, viu e ouviu, como as narrativas dos garimpeiros tradicionais.

Sua obra arvora como fonte de interpretação do Cerrado e da cultura popular do sertão. A fauna e a flora, as congadas, as cantorias de folias de reis e os modos de vida, sintetizados no trabalho cotidiano de camponeses e garimpeiros, foram a matéria de sua inspiração. Escreveu letras de natureza telúrica e nostálgica como *Adeus Mãezinha*⁷, *Meu Coró*⁸ e *Canção do Meu Regresso*⁹.

7 GOIÁ e SEBASTIÃO AURÉLIO. *Jardineiro do adeus*. Transcrição de Flores (2004, p. 156).

8 GOIÁ e Plínio Alves. *Meu coró*. Transcrição de Flores (2004, p. 179).

9 GOIÁ. *Canção do meu regresso*. Transcrição de Flores (2004, p. 78).

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

Todavia, Goiás não se distanciou de temáticas políticas em sua obra. Há, em composições como *Poluição*¹⁰, *O astronauta*¹¹ e *Reforma agrária*¹², a abordagem de temas como concentração fundiária, reforma agrária e degradação ambiental do Cerrado.

Os garimpos e garimpeiros, poetizados em composições e recordados como figuras idílicas por Goiás, não são mais encontrados com as grandes turmas tentando a sorte de extrair a pedra rara. O garimpo cantado pelo artista foi transformado pela extração mecanizada de diamantes, atuação de investidores estrangeiros e empresas mineradoras atuantes em Coromandel.

Contudo, garimpeiros como Moroveu e Theodoro, citados nas letras das músicas e universalizados como tipos populares do sertão, permanecem como personagens indelévels da memória e da cultura locais.

Março, 2021

10 GOIÁ e ZACARIAS MOURÃO. *Poluição*. Transcrição de Flores (2004, p. 227).

11 GOIÁ e NENETE. *O astronauta*. Transcrição de Flores (2004, p. 2001).

12 GOIÁ e F. LÁZARO. *Grande esperança ou "Reforma agrária"*. Transcrição de Flores (2004, p. 148).



LEVANTADOS DO CHÃO

Quem, melhor do que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade de libertação? (Paulo Freire, 2011).

Alunos, professores e pesquisadores do Grupo de Pesquisa e Extensão Espaço, Sujeito e Existência “Dona Alzira”, em Goiás, conceberam um projeto motivador e belo, denominado “Leituras caminhantes”.

O projeto propõe ler e interpretar diversas perspectivas do livro *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire, mediante encontros em universidades, escolas, sindicatos, acampamentos e assentamentos rurais; diálogos com movimentos de trabalhadores sem-terra e pela soberania popular na mineração.

Ricardo Assis Gonçalves

O primeiro encontro reuniu gente dos movimentos sociais e sindicais, representações populares, estudantes e professores da educação básica e superior para dar início à “caminhada com Paulo Freire”.

De toda a riqueza e significação pedagógica e acadêmica do livro *Pedagogia do oprimido*, o destaque é para o oprimido libertar-se pela palavra alfabetizadora; recusar o roubo de seu pensamento e de sua visão de mundo; e, assim, não aceitar a opressão como dado natural. Em Paulo Freire, o campo vasto e humano da educação convida a trabalhadora e o trabalhador à luta. A educação proposta é libertadora dos oprimidos e esfarrapados do mundo; é semente generosa, semeada e fecundada, inclusive no chão árido de ditaduras passadas e presentes; resistente, fertiliza não só no chão das escolas, universidades e bibliotecas; é cultivada no solo da simplicidade e do diálogo; é prodigiosa e deambula corajosa nas periferias urbanas, no chão de acampamentos e nos espaços de lutas em defesa de territórios e da vida.

É uma educação que se levanta contra modelos extrativos predatórios da terra, como o agronegócio e a mineração. Semeada nas consciências críticas, fecundará resistente diante do ódio dos fascistas destes tempos. Triunfará como a primavera, a inexorável primavera responsável pelo florescimento da rebeldia contra os opressores.

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

O chamado de Paulo Freire para a luta, a transformação de realidades opressoras, soma-se às palavras da letra de música *Levantados do chão*, de Chico Buarque, em parceria com Milton Nascimento, lançada no álbum *Terra* (1997). *Levantados do chão* é um “canto de interrogações”.

Como então? Desgarrados da terra?
Como assim? *Levantados do chão*?
Como embaixo dos pés uma terra
Como água escorrendo da mão? [...]

Com perguntas, a letra/poema age em nós, levamos também para o caminho do estranhamento, da recusa e da resistência que é tão necessária nestes tempos. Arvora o sentido altivo da caminhada, do peregrinar interrogativo.

A letra da música lembra que, todos os dias, nas manhãs frias, chuvosas ou ensolaradas, em qualquer estação, levantam-se mulheres e homens do chão para o caminho comum do trabalho ou da procura de emprego. Levantam-se de casas, barracos de lona das ocupações urbanas e/ou rurais, das praças ou das calçadas. Gente que sonha, perde-se ou se encontra nas ruas ou nos campos, uniformizada pela miséria. Sujeitos que sentem frio e fome, gritam e lutam, sobretudo, pela comida diária dos filhos.

Ricardo Assis Gonçalves

Levantados do chão, de Chico e Milton, transita entre a arte e a indignação interrogativas contra as cercas dos latifúndios, das desigualdades fundiárias e sociais que excluem milhões de trabalhadoras e trabalhadores da terra.

A letra entona vozes indagadoras de mulheres e homens que caminham e acampam nas beiras de estradas, nas margens das propriedades e nos campos férteis para plantarem neles a esperança.

Ao tematizar as lutas dos sem-terra, seus reiterados itinerários e desenraizamentos, os artistas vasculham a história dos desterrados e expropriados da terra no Brasil. Expropriados dos territórios de vida pelos grandes projetos monocultores, de mineração e hidroenergéticos.

Assim, em *Levantados do chão*, está imiscuído um grito de rebeldia que convida os oprimidos à luta contra o silenciamento de seu sofrimento.

Por seu turno, José Saramago (1980), em seu livro *Levantado do chão*, também demonstrou em linhas literárias que

do chão sabemos que se levantam as searas e as árvores, levantam-se os animais que correm os campos ou voam por cima deles, levantam-se os homens e suas esperanças (Saramago, 1980, p. 251).

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

A narrativa de Saramago desvela as forças opressoras do latifúndio contra trabalhadores fadados ao trabalho miserável nas terras do Alentejo, região do centro-sul de Portugal. Sua prosa é crítica à estrutura tirânica do latifúndio e dos poderes do Estado e da Igreja, chamados por ele, ironicamente, de “a santíssima trindade”.

O escritor português demonstra que os mesmos trabalhadores constroem lutas coletivas, enfrentam as forças do latifúndio e levantam-se do chão para caminharem em um território onde se poderá dizer: “este sol é de justiça”.

Desse modo, Paulo Freire com sua proposta de educação libertadora, Chico Buarque e Milton Nascimento com a letra de música e José Saramago com a prosa literária encontram-se de “mãos dadas” no horizonte comum das mulheres e homens em combate às injustiças e todas as formas de opressão e alienação ao levantarem-se de corpo inteiro para ver longe a utopia que semeiam e cultivam. Com efeito, falam da esperança e universalizam o brado por liberdade dos oprimidos, esfarrapados e desterrados do mundo.

Logo, perguntamos: com quem caminhamos – ou queremos caminhar – neste mundo? Respondemos: caminharemos com trabalhadoras e trabalhadores que estão no solo das resistências; levantaremos do terreno de realidades obliteradas pela desigualdade;

Ricardo Assis Gonçalves

altearemos vozes, cantos e sonhos na caminhada coletiva de suas lutas, nossas lutas.

Caminharemos juntos, e juntos nos levantaremos quantas vezes forem necessárias, pois sonhamos com a nova manhã, a manhã cuja luz seja de irmandade universal e de encontros no abrigo da plena solidariedade.

Setembro, 2019

QUANDO O CORAÇÃO LÊ

Nos últimos dez anos, profissionalmente e também por paixão, me envolvi com detido empenho no estudo desta questão central com que Roland Barthes, Umberto Eco, Alberto Manguel, Heloísa Buarque de Hollanda, assim como Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Rubem Alves e tantos outros se preocuparam: a leitura. Ler, para esses e outros autores, começa pelo código linguístico, mas o ultrapassa. Trata-se de uma densa experiência humana de olhar, sentir, interpretar e imaginar o mundo, atravessada pela mediação irreparável da linguagem.

Estimulado por uma prolífera trajetória de estudos, parcerias e leituras no campo lítero-geográfico, passei a escrever textos e livros por espontânea vontade e por obrigação institucional devido à condição de professor e pesquisador na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Por conseguinte, entusiasmado com

as possibilidades de transformar vivências de pesquisas relacionadas à temática da mineração, escrevi a primeira edição do livro *Onde você está nesta lama? Crônicas da mineração no Brasil*.

Segundo Umberto Eco, a pessoa que escreve, escreve para alguém ler. Esse alguém é o leitor, de quem não se sabe o nome, a altura, a classe e os gostos; não se sabe a cidade, o bairro e a rua onde mora. O leitor é um sujeito desconhecido que pode ser um viajante, um “Crusoé de poltrona”, como definido por Manguel. Ele viaja entre parágrafos e páginas, viaja entre paisagens e espaços fictícios, viaja ao encontro de personagens desconhecidos.

Quando lançamos um livro ao público, seu destino inevitável são as mãos e os olhos desse sujeito – o leitor – que aparentemente é abstrato, mas no fundo é concreto. Diante das palavras que descrevem experiências do escritor, o leitor poderá sorrir, emocionar, chorar, indignar, concordar ou discordar. É insondável o destino de um livro. Ele poderá servir, inclusive, apenas para preencher os buracos das prateleiras de bibliotecas.

Não sabemos o destino de um livro quando jogado à multidão de leitores cada vez mais interessados nas narrativas de autoajuda, conselhos de coaches ou de guias esotéricos. Temos dúvidas se nossos livros serão de interesses de sujeitos insuflados na “sociedade do

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

cansaço” (Han, 2015) ou entregues ao “extrativismo da atenção” (Bucci, 2021) provocado pela “superindústria do imaginário” (Bucci, 2021).

Contudo, de maneira surpreendente, o meu livro *Onde você está nesta lama?* teve uma leitora especial, a minha avó Luzia, de 82 anos. Vó Luzia vem de tempos remotos, de um mundo rural povoado por causos ancestrais transmitidos pela exímia oralidade de trabalhadores. De família de roceiros analfabetos, frequentou pouco a escola. Mas aprendeu a escrever bem o nome e a ler silenciosa e devagar. Sua atitude aproxima-se do que disse Manguel: “A descoberta da arte da leitura é íntima, obscura, secreta, quase impossível de descrever” (2021, p. 165).

Em uma de minhas viagens a Santa Rosa, distrito de Coromandel (MG), pouco depois de lançar o livro, deixei um exemplar na casa da avó Luzia. Quis presentear-lá com meu primeiro livro de crônicas autorais. Foi um gesto simbólico, uma forma de agradecer-lá pelo que fez por mim quando comecei a estudar. Foi ela que me acompanhou na primeira vez que pisei no chão da escola. Desde menino, ouvia dela e de meu avô que “o estudo é a única coisa que ninguém roubará de você”.

Retornei para casa em Goiânia (GO) e me esqueci deste gesto gratuito: presentear a vó Luzia, uma camponesa do mundo sertanejo mineiro, com o livro sobre

os desastres do modelo de mineração brasileiro. Após alguns meses, através de uma conversa por telefone com minha mãe, soube que a vó havia lido o livro de crônicas da mineração. Essa descoberta me deixou surpreso e emocionado. Desde a publicação, recebi comentários de professores, estudantes, amigos e pesquisadores do tema, gente ligada ao trabalho na universidade. Mas não imaginava que entre os leitores e as leitoras, existia uma tão especial.

Sabia da predileção da vó Luzia pelas leituras. Muitas vezes presenciei ela, nos dias com manhãs e tardes coruscantes do sertão mineiro, recolhida na varada da casa para ler, palavra por palavra, frase por frase, as páginas da *Bíblia* e de alguma revista ou livro religioso. Também admirava sua exímia memória quando recitava rezas e cantorias do catolicismo popular de roça. Reconhecida na região como benzedeira diligente, foi essa camponesa que leu meu livro como um gesto sagrado, uma maneira de declarar seu amor ao neto.

Certamente, essa mulher sertaneja não leu o livro para formular um projeto intelectual, nem para fazer uma dissertação ou uma tese, muito menos para auxiliar-se a escrever uma carta ao governador de Minas Gerais ou ao presidente da República contestando as leis ambientais e trabalhistas que amparam o modelo mineral brasileiro.

Durante dias concentrou seus olhos cansados nas frases e parágrafos para descobrir neles a alma do

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

Brasil, a lama do país. Mas não leu com o propósito de elaborar uma crítica às empresas Samarco e Vale, que construíram barragens de rejeitos e reduziram os custos de monitoramento e prevenção do desastre. Essa singela anciã do sertão leu com uma finalidade, fazer o seu coração se aproximar do meu. Ela leu por amor.

Quando retornei a Santa Rosa, perguntei à avó Luzia sobre a leitura do livro. Ouvi dela as seguintes palavras:

Dei conta de ler o livro todinho. Cada dia eu lia, cada dia tirava um tempinho para ler. Gastei bem uns dias, mas fui lendo devagar até ao final. Eu gosto de ler, leio devagar devido às vistas fracas. Para as leituras fico quietinha em um lugar mais claro e tranquilo. Nas horas que estou mais folgada e sozinha eu gosto de ler para entreter. Ao ler, me distraio de muitas coisas. Antigamente a gente quase não lia, trabalhava demais, não tinha tempo. Agora que não trabalho tanto, tiro um tempo para as leituras. Foi assim que pude ler seu livro. Li todo ele devagarinho. Achei você inteligente, capaz de emendar as histórias. Eu fiquei curiosa pelas histórias que você contou, mas também fiquei triste ao saber o que aconteceu com as pessoas que passaram por aquelas tragédias da mineração. Eu fiquei emocionada, foi muito triste o que as empresas fizeram. Mas gostei mesmo dos causos

Ricardo Assis Gonçalves

de garimpeiros que você narrou, me lembrou das histórias de seu avô e de seu tio Manoel, que foram garimpeiros”.

Recolhi as palavras da avó Luzia para entoar uma descoberta: quando o coração lê, qualquer interpretação gagueja diante da inesgotável experiência humana narrada em um livro. Quando o coração lê, o tamanho de um gesto não cabe na métrica de um verso ou no enredo de um conto. Quando o coração lê, as explicações, as filosofias, as teorias ou as gramáticas não bastam. Quando o coração lê, não é necessário decifrar palavras complexas, características da estilística acadêmica. Quando o coração lê, a principal forma de expressão da linguagem é o sorriso autêntico desta mulher de eras ancestrais, minha avó Luzia.

Depois de saber que *Onde você está nesta lama?* teve como leitora minha avó, compreendi que minejar com palavras possibilita descobertas de leitores que pareciam inalcançáveis. O gesto dessa camponesa de Minas foi tão belo como as revoadas de sabiás do quintal de sua casa, onde passei a infância e riscava no chão vermelho as primeiras palavras que aprendia na escola. Seu exemplo demonstra que quando o coração lê, o texto abre-se às infinitas possibilidades de realização da linguagem, inclusive a linguagem do amor da avó pelo neto.

Outubro, 2023

POSFÁCIOS

MINERAÇÃO E AS MOENDAS DO CAPITALISMO PREDATÓRIO

O longo e tortuoso caminho que conduziu à constituição e institucionalização da ciência moderna, a partir do século XVII, apartou-se o máximo possível do domínio das artes, em suas múltiplas manifestações particulares. Não é exagero afirmar que, tanto naquele primeiro momento quanto ainda em nossos dias, a negação das emoções e singularidades em favor da racionalidade e das generalizações tem figurado, em grande medida, como condição essencial para atribuir legitimidade ao conhecimento científico, sobretudo àquele assentado sobre bases positivistas.

Segundo uma concepção usual no senso comum e até mesmo em certos campos do saber científico, a exemplo das ciências naturais, o fazer do cientista deve caracterizar-se como uma atividade completamente esterilizada de sensibilidade e dotada de neutralidade, como se fosse possível anular toda e qualquer

Ricardo Assis Gonçalves

interferência da subjetividade do sujeito pesquisador na produção de uma obra pretensamente asséptica.

Auspiciosamente, a reconciliação e o diálogo entre ciência e arte, marcadamente entre a primeira e a literatura, vem ganhando espaço há algum tempo no domínio das ciências humanas e sociais. Inúmeros autores têm se aproximado cada vez mais da riqueza do universo literário a fim de utilizá-la ora como objeto, ora como inspiração, fonte ou suporte para a apreensão dos fenômenos sociais em sua complexidade. Veja-se, entre tantos outros, o caso exemplar do livro *Tudo que é sólido desmancha no ar*, no qual o filósofo estadunidense Marshall Berman (1992) esquadrinha a história da modernidade apoiando-se em clássicos da literatura mundial, como Goethe, Pushkin, Gogol e Dostoiévski.

A Geografia, por certo, não constitui uma exceção a esta tendência e o autor desta fascinante coletânea de crônicas, geógrafo de formação e ofício, representa uma prova da veracidade dessa afirmação.

Além de pesquisador engajado, Ricardo é um ávido amante da arte das palavras, como ele próprio refere-se à literatura. Em nossas estimulantes conversas, ao longo de mais de uma década de amizade, sempre o escuto, atento, mencionar autores e obras, com aquele brilho especial que só se manifesta nos olhos de quem realmente sabe deleitar-se com os clássicos

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

e bons livros contemporâneos. Mas sua relação com a literatura não se esgota na mera contemplação, fertilizando igualmente seus textos científicos e desembocando em escritos que buscam efetivamente interseccionar geografia e literatura e estabelecer aquilo que ele criativamente denomina *interpretações lítero-geográficas*.

Enquanto cientista social, Ricardo debruça-se há cerca de uma década sobre o tema da mineração, há muito indevidamente negligenciado pelos geógrafos, como denunciado no texto *Mineração, a explosão de um tema*, o primeiro desta obra. Todavia, como oportunamente definiram Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos e Eguimar Chaveiro na Apresentação da primeira edição deste livro, é também ele próprio um “minerador”, não de pedras ou metais preciosos, mas de palavras. Ele as escolhe na jazida do nosso vernáculo e as combina cuidadosamente, observando atento sua semântica e o efeito estético de seu encadeamento, mesclando de forma criativa os fatos e sua interpretação. Trata-se de um movimento de mão dupla: por um lado, embeleza e torna agradável sua escrita científica; por outro, lastreia com dados de realidade sua profícua escrita literária.

Nesta empreitada, Ricardo dialoga com a obra de grandes autores, como Dante Alighieri, Émile Zola, Gabriel García Márquez, Pablo Neruda, José Saramago, Leonardo Padura, Carlos Drummond de Andrade e

Ricardo Assis Gonçalves

Bernardo Élis. Com sua postura politicamente demarcada e seu amor de geógrafo pelo campo, pelas andanças e pelas conversas com as pessoas comuns em seu cotidiano de trabalho e vida, o autor tenciona fundir experiência pessoal, rigoroso trabalho de pesquisa científica, militância e afeto.

O resultado é uma escrita estimulante, leve, elegante e bonita, que flui com facilidade e sói provocar reflexão por parte do interlocutor, na medida em que o conduz de forma prazerosa por suas ideias. Eis uma competência rara no quase sempre espinhoso e árido terreno da escrita acadêmica!

Ao tratarem do garimpo e dos garimpeiros da terra natal do autor, Coromandel (MG), as crônicas de Ricardo penetram em um universo prenhe de saberes populares, lendas, causos e superstições, em meio ao qual a dureza da realidade concreta funde-se aos sonhos e esperanças de um mundo onírico na condução da existência.

No entanto, este garimpo artesanal e realizado em pequena escala coexiste hoje com um modelo de extração mineral radicalmente diferente, de cuja fisionomia e corolário ocupa-se a maior parte das páginas deste livro.

Deslindando as entranhas da megamineração em solo brasileiro, Ricardo põe-nos ante um modelo empreendido por grandes corporações transnacionais

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

e fundado no que outrora chamei de pilhagem territorial, cujo *modus operandi* habitual consiste na dissipação voraz dos bens comuns da natureza, na destruição e fratura dos territórios de vida e trabalho de comunidades inteiras, bem como na imposição de riscos e agravos à saúde dos trabalhadores envolvidos em seus processos de trabalho.

Tais afirmações abstratas tornam-se palpáveis quando lemos vários dos textos aqui reunidos, aí incluído o que nomeia o próprio livro, os quais tratam dos desastres-crimes da Samarco/Vale/BHP Billiton em Mariana/MG (novembro de 2015) e da Vale em Brumadinho/MG (janeiro de 2019). Neles, o autor busca nomear o inominável e descrever o indescritível (e não é precisamente esse o mister da literatura?): o drama real das incontáveis pessoas e famílias por eles atingidas, direta ou indiretamente. Em seu próprio dizer, são “perdas infinitas, para as quais as explicações abrigadas em palavras ou números não satisfazem, são inexauríveis.”

Nas páginas deste livro, o leitor encontra material para conhecer não apenas a mineração e suas muitas mazelas, a partir da sensibilidade aguda e do domínio da língua que são próprios ao seu autor. Há nelas, igualmente, um retrato do Brasil e de seus trabalhadores e trabalhadoras historicamente moídos pelas engrenagens da máquina do capitalismo

Ricardo Assis Gonçalves

subordinado e dependente que caracteriza nossa formação socioespacial.

Guilherme Marini Perpetua

Álvares Machado (SP), outono de 2023.

EXPLORAÇÃO IRRACIONAL E DESASTRE AMBIENTAL

O livro *Onde você está nesta lama? Crônicas da mineração no Brasil*, do professor Ricardo Assis Gonçalves, constitui um conjunto de textos que compõem um painel dos problemas da mineração no País, partindo da reflexão sobre as tragédias de Brumadinho e Mariana, em Minas Gerais. Com o desenrolar do tema, o texto alcança, pelo trabalho de memória do autor, a mineração como garimpo artesanal e as implicações imaginárias que a rondam desde os primórdios.

Ricardo, embora com muitos recursos técnicos e científicos facultados por sua alta formação acadêmica, escolheu o caminho da literatura para articular sua leitura sobre o tema. O resultado é uma coletânea de crônicas que trabalha, com linguagem simples e técnica narrativa, a visão acadêmica do autor e seu posicionamento político a respeito do modelo de mineração ora dominante no País. O olhar de cronista,

investido de sensibilidade literária, molda a paisagem da tragédia ambiental, social e econômica produzida pelo modelo vigente.

O uso do termo “fratura” é recorrente ao longo dos textos e, embora tenha circulação técnica no campo da Geografia, pode ser lido como uma metáfora médica, indicando uma condição insalubre. “Fratura” é um termo da medicina que se refere a uma lesão grave na estrutura de sustentação de um corpo. Segundo o autor, a mineração como praticada no Brasil fratura territórios, fratura o meio ambiente, fratura a sociedade e fratura o trabalhador. As fraturas expostas inviabilizam a sustentabilidade e promovem a necropolítica e a necroeconomia. O estado de coisas denunciado no livro me trouxe à memória um pequeno e contundente ensaio, de Félix Guattari, chamado “Três ecologias”.

Nas três ecologias advogadas por Guattari, a luta por uma nova humanidade passa, como nos faz crer o pensador, por uma “ecosofia”, por um viés crítico e prático que leva em conta a existência de uma ecologia mental, uma social e outra natural. Esse viés considera ainda que a relação entre esses três registros é intrínseca, ou seja, não há como praticar uma ecologia natural negligenciando a ecologia mental e a social sem cair no vazio ou no charlatanismo publicitário. A saúde mental é indissociável da saúde social. Um indivíduo doente alimenta um meio social doente bem

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

como um meio social doente gera o indivíduo doente e estes, em consequência, destroem o meio ambiente que, destruído, interfere negativamente em suas vidas.

A preocupação com a natureza, desse modo, não pode excluir a preocupação com a educação, com as subjetividades estranguladas, com a pobreza, com a fome endêmica, com a violência... Pelo que deparei da leitura do livro de Ricardo, o modelo predatório da mineração brasileira ignora, em nome do lucro, essa relação indissociável entre ambiente, sociedade e indivíduo e, ao desprezá-la, vai abrindo fossos deletérios entre a natureza, a sociedade e o ser humano, inviabilizando, em nome do capital, a existência do próprio planeta.

Alan Oliveira Machado

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Iporá (GO)

REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia [1304/1321]*. São Paulo: Atena Editora, 1999.
- ALVES, Rubem. *O medo da sementinha*. São Paulo: Paulus, 1999.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- ANM – Agência Nacional de Mineração. Brasília/DF, 2022.
- ANM – Agência Nacional de Mineração. Maiores Arrecadadores CFEM. Disponível em: <https://sistemas.anm.gov.br/>. Acesso em: 26 dez. 2023.
- AUYERO, Javier.; SWISTUN, Débora A. *Inflamable, estudio del sufrimiento ambiental*. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- BACH, Richard. *Fernão Capelo Gaivota*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BARCELOS, EDUARDO. *Atlas das águas do Cerrado*. Instituto Federal Baiano, 2021. Mimeo.
- BARBOSA, Altair Sales. *Andarilhos da claridade: os primeiros habitantes do cerrado*. Goiânia: Universidade de Goiás; Instituto do Trópico Úmido, 2002.
- BARBOSA, Altair Sales. *A morte silenciosa dos rios do Cerrado*. 2022. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/gerais-colunas-e-blogs/a-morte-silenciosa-dos-rios-do-cerrado>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

BUARQUE, Chico; NASCIMENTO, Milton. *Levantados do chão*. Letra de Música. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45125/>. Acesso em: 25 set. 2019.

BUCCI, Eugênio. *A superindústria do imaginário*. São Paulo: Autêntica, 2021.

CAMPOS, Paulo M. *Por que bebemos tanto assim*. 1961. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/12978/por-que-bebemos-tanto-assim>. Acesso em: 10 dez. 2019.

CBMM – Companhia Brasileira de Mineração e Metalurgia. *Relatório de sustentabilidade*. 2018. Araxá/MG: CBMM, 2019.

CECAD – Cadastro Único. Disponível em: <https://cecad.cidadania.gov.br/painel03.php>. Acesso em: 8 jun. 2023.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. *Por uma abordagem geográfica do Cerrado: a afirmação de um território, a negação do bioma – Cartas de luta*. Tese (grau de professor titular do IESA). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

COELHO, José B. *Linguagem: conceitos básicos*. Goiânia: T. Urbanas, 2006.

DEFESA CIVIL. *Minas Gerais*. Disponível em: <http://www.defesacivil.mg.gov.br/>. Acesso em: 5 mar. 2020.

DEFESA CIVIL. *Minas Gerais*. Disponível em: <http://www.defesacivil.mg.gov.br/>. 2020. Acesso em: 20 out. 2020.

ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FGV – Fundação Getulio Vargas. *Escalada da desigualdade – Qual foi o Impacto da Crise sobre Distribuição de Renda e Pobreza?* 2019. Disponível em: <https://cps.fgv.br/desigualdade>. Acesso em: 5 mar. 2020.

FLORES, Lúcio R. (org.). *O poeta Goiás*. Coromandel-MG: Gráfica Argos, 2004.

Ricardo Assis Gonçalves

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Raquel.; ALMEIDA, Fabiana. *Brumadinho convive com adoecimento mental um ano após tragédia da Vale*. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/>. Acesso em: 5 mar. 2020.

FUNDACENTRO – Fundação Jorge Duprat e Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho. Disponível em: <https://www.gov.br/fundacentro/pt-br>. Acesso em: 20 out. 2020.

FUNDACENTRO 2019. *Brasil registra 17 mil mortes e 4 milhões de acidentes de trabalho*. Disponível em: <http://www.fundacentro.gov.br>. Acesso em: 5 mar. 2020.

G1. *Secretaria de Meio Ambiente investiga morte de dezenas de peixes no Rio Vermelho, em Goiás*. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2022/05/31/secretaria-de-meio-ambiente-investiga-morte-de-dezenas-de-peixes-no-rio-vermelho-em-goias.ghtml>. Acesso em: 18 dez. 2023.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Tradução de Galeno de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GONÇALVES, Ricardo A. *A vida pode mudar com a virada da peneira: (re)organização do território e do trabalho nos garimpos de Coromandel (MG)*. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Catalão (UFCat), Catalão-GO, 2012.

GROSSI, Yonne de S. *Mina de Morro Velho: a extração do homem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.

GUDYNAS, Eduardo. *Extractivismos: ecología, economía y política de un modo de entender el desarrollo y la naturaleza*. Cochabamba: Claes, 2015.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

HARVEY, David. *17 contradições e o fim do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2016.

HARVEY, David. *A loucura da razão capitalista: Marx e o capital no século XXI*. Tradução de Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. 2018. Acesso em: 20 jul. 2021.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em 2022, analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos e no Nordeste. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste>. Acesso em: 13 dez. 2023.

IBRAM – Instituto Brasileiro de Mineração. *Panorama do nióbio: mercado, reservas e produção*. In: Seminário Liderança Brasileira na Cadeia do Nióbio. Brasília/DF: MME, 2019.

INAF Brasil 2018. *Resultados preliminares*. Disponível em: <http://acaoeducativa.org.br/>. Acesso em: 5 mar. 2020.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Atlas da violência 2019*. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 5 mar. 2020.

JUCÁ, Beatriz. *As 50 barragens em alto risco que mantêm a bomba-relógio da mineração em Minas*. 2020a. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-23/as-50-barragens-em-alto-risco-que-mantem-a-bomba-relogio-da-mineracao-em-minas.html>. Acesso em: 5 mar. 2020.

JUCÁ, Beatriz. *Ex-presidente da Vale e mais 15 são denunciados por homicídio doloso na tragédia de Brumadinho*. 2020b. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-21/ex-presidente-da-vale-e-mais-15-sao-denunciados-por>

Ricardo Assis Gonçalves

homicidio-doloso-na-tragedia-de-brumadinho.html. Acesso em: 5 mar. 2020.

MANGUEL, Alberto. *O leitor como metáfora*. São Paulo: Edições Sesc, 2021.

MANUELZÃO. O terrorismo das barragens. *Revista Manuelzão*, n. 84, 3, p. 22, 2019.

MÁRQUEZ, Gabriel G. *Crônica de uma morte anunciada*. 41. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MARX, Karl. *O capital*. [1867] Livro 1. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MDIC. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. Comexstat. *Exportação e importação municípios*. 2023. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio>. Acesso em: 15 fev. 2023.

MDIC. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. Comexstat. *Exportação e Importação Geral*. 2019. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>. Acesso em: 15 fev. 2020.

MILANEZ, Bruno *et al.* A estratégia corporativa da Vale S.A.: um modelo analítico para Redes Globais Extrativas. *Versos*, 2(2), 1-43, 2018.

MORAES, Robson. *Águas do Cerrado*. Cidade de Goiás: UEG, 2022

NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi: memórias*. Tradução de Olga Savary. 7. ed. São Paulo: Difel Difusão Editorial, 1979.

NERUDA, Pablo. *Ontología general*. Espanha: Real Academia Española, 2010.

O TEMPO. *Mineração mata 3 vezes mais*. 2019. <https://www.otempo.com.br/>. Acesso em: 20 out. 2020.

PADURA, Leonardo. *O homem que amava os cachorros*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

ONDE VOCÊ ESTÁ NESTA LAMA?

PERPETUA, Guilherme M. *Pilhagem territorial, precarização do trabalho e degradação do sujeito que trabalha: a territorialização do capital arbóreo-celulósico no Brasil contemporâneo*. 2016. 307 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Unesp, Presidente Prudente, 2016.

RAGAZZI, Lucas; ROCHA, Murilo. *Brumadinho: a engenharia de um crime*. Belo Horizonte/MG: Letramento, 2019.

REBOUÇAS, Antônio J de A. *et.al. Morte lenta no trabalho: a insalubridade no Brasil*. São Paulo: Oboré Editorial, 1989.

RIBEIRO, Darcy. *O Brasil como problema*. Brasília: Editora da UnB, 2010.

RIBEIRO, France de A. *Mapeando os sentidos: a história do rio Vermelho contada pelos ribeirinhos de Crixás-GO*. Dissertação, Centro Universitário de Anápolis, 2018.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SANTOS, Joaquim F. *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca Serro Frio*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

SARAMAGO, José. *Levantado do chão*. Lisboa: Caminho, 1980.

SICONFI – Sistema de Informações Contábeis e Fiscais do Setor Público Brasileiro. Disponível em: <https://siconfi.tesouro.gov.br/siconfi/index.jsf>. Acesso em: 23 ago. 2023.

SOUSA, José Luiz Vaz de. *Pobres garimpeiros de riqueza: a geografia dos diamantes de Três Ranchos, Goiás*. 2012. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, 2012.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Ambientes e territórios: uma introdução à ecologia política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

ZOLA, Émile. *Germinal*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

WISNIK, José M. *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOBRE O LIVRO

Formato: 13,5X21 cm
Tipologia: GoudyOlSt BT
Edição: Apoena Editorial

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS AO AUTOR.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Br-153 – Quadra Área – CEP: 75.132-903 Fone: (62) 3328-4866 – Anápolis-GO
www.editora.ueg.br / e-mail: editora@ueg.br

2024

Impresso no Brasil / Printed in Brazil



Ricardo Assis Gonçalves

Possui doutorado em Geografia. Professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO-UEG), Campus Cora Coralina. Colaborador externo do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG), da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Porto Nacional. É membro titular do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (Icebe) e do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG). Pesquisador dos grupos de pesquisa e extensão Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoMAS) e Espaço, Sujeito e Existência (Dona Alzira). Integra a Rede de Pesquisadores em Geografia (Socio)Ambiental/RP-G(S)A. É bolsista de Produtividade em Pesquisa (PQ-2) pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Na manhã de 10 de janeiro de 2019, na primeira crônica publicada na Coluna Opinião do Multiplicadores de Visat (Fiocruz-RJ), Ricardo registrou: *“Daí o encontro necessário entre o discernimento dos trabalhadores e a sua capacidade organizativa na defesa dos direitos humanos e dos bens comuns naturais para que outro desastre como o de Mariana/bacia do rio Doce não se repita.”* Mas, o desastre se repetiu. No dia 25 de janeiro de 2019, toneladas de rejeitos de minério de ferro da Vale S.A mataram 270 pessoas em Brumadinho (MG) e feriram um país inteiro.

Rosângela Gaze (UFRJ)

As peculiares sabedorias, ternuras e indignações da bateia de palavras maneada neste livro iluminam o cotidiano dos(as) trabalhadores(as) a cada leitura. A bateia de Ricardo é das antigas. Muito cedo, com o seu avô Divino, descobriu a potência literária da vida no Sertão. Descobriu também que o garimpeiro é um contador de causos. Em criança, ouvia as histórias do avô e dos garimpeiros de Coromandel (MG), ouvia-as e sem saber montava a sua pedagogia criadora. Quando, mais tarde, com seriedade e amor, teve que cursar a vida na pesquisa científica, o arsenal de histórias da infância ganhou prumo e fez unir imaginação, leitura crítica e defesa dos(as) trabalhadores(as).

Eguimar Felício Chaveiro (UFG)



ISBN 978-65-88502-51-8



9 786588 150251 8